UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIOMEDICINA

MELLANIE FONTES DUTRA DA SILVA

MODELO ANIMAL DE AUTISMO INDUZIDO POR EXPOSIÇÃO PRÉ-NATAL AO ÁCIDO VALPROICO: ANÁLISE QUANTITATIVA DE CÉLULAS NEURONAIS, NÃO-NEURONAIS E IMUNOCONTEÚDO GABAÉRGICO CORTICAL

PORTO ALEGRE

Julho/2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIOMEDICINA

MODELO ANIMAL DE AUTISMO INDUZIDO POR EXPOSIÇÃO PRÉ-NATAL AO ÁCIDO VALPROICO: ANÁLISE QUANTITATIVA DE CÉLULAS NEURONAIS, NÃO-NEURONAIS E IMUNOCONTEÚDO GABAÉRGICO CORTICAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Ciências Básicas da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel(a) em Biomedicina.

Orientador: Prof. Dr Carmem Juracy Silveira Gottfried

PORTO ALEGRE

Julho/2013

“ A necessidade de muitos se sobrepõe a de poucos”

Sr. Spock, Oficial Cientista da nave U.S.S. Enterprise “A Ira de Khan”

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Carmem Juracy Silveira Gottfried, agradeço não somente pelo apoio durante a execução deste trabalho, mas também por ter me mostrado o caminho da ciência ao longo dos anos de Iniciação Científica, e ter se tornado um modelo de pesquisadora e pessoa ao qual me espelho.

Aos meus colegas de laboratório, especialmente Victório, Roberta, Tamara, Jaqueline, Gean e Diego, por terem tido paciência e sempre estarem disponíveis para qualquer questão, independentemente da sua finalidade.

Agradeço a minha família, Ademir, Silvia e Larhyssa por terem acreditado e apoiado a minha formação, sempre respeitando os momentos de envolvimento com o trabalho e em nenhum momento deixando de me ajudar.

Aos colegas de iniciação científica, especialmente a Gabriela, com quem realizei muito mais que experimentos, mas sim uma grande amizade. Agradeço também às minhas colegas e amigas Julia e a Kamila, por sempre me apoiarem e me ajudarem quando necessário. Agradeço a Laura e ao Mauricio, pela atenção e apoio quando foi preciso. Agradeço aos meus melhores amigos Marcus, Igor e Ethi que, por 4 anos, estiveram incansavelmente do meu lado me apoiando, fazendo rir e sempre dando forças para seguir em frente, dando-me a certeza que estarão comigo por toda a vida. Agradeço aos meus novos colegas de iniciação que, em tão pouco tempo, fizeram-me lembrar de como é maravilhoso ter amigos: Wal, Taylor e Gerald.

Por fim, agradeço ao meu namorado, Guilherme, por sempre estar comigo, por ser muito mais que um namorado e colega de iniciação científica, mas por ser o meu par no mundo, com quem eu sempre poderei contar e amar.

SUMÁRIO

RESUMO

Os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) são um grupo heterogêneo de transtornos do desenvolvimento que apresentam grau de severidade bastante variável. Dados epidemiológicos indicam que fatores ambientais, como a exposição materna ao ácido valpróico (VPA), aumentam o risco do nascimento de filhos com autismo. O desequilíbrio do balanço excitatório/inibitorio no encéfalo, especialmente em regiões corticais envolvidas com processamento sensorial, vem sendo relacionado com um número considerável de transtornos que afetam o sistema nervoso central, como o TEA. Esse desequilíbrio pode estar fortemente associado com características cognitivo-comportamentais, bem como na morfologia e organização dos neurônios em padrões colunares nas regiões corticais. O presente estudo tem como objetivo quantificar o número de células neuronais GABAérgicas, não-GABAérgicas, células não-neuronais, células totais e o padrão de organização colunar nas camadas corticias II/III e V da área somatossensorial primária - região de campos em barris, no modelo de autismo em ratos Wistar induzido por exposição pré-natal ao ácido valpróico (VPA). Ratas Wistar prenhes receberam uma única injeção, intraperitoneal, de VPA (600 mg/kg) no dia 12,5 de gestação. Os encéfalos da prole de ratos machos de 120 dias foram utilizados para os experimentos de imuno-histoquímica para GABA, NeuN e DAPI na região da área somatossensorial primária. Análises foram realizadas com o software FluoView e ImageJ e os resultados foram considerados significativos com um $P<0.05$ pelo teste *t* de Student. Os resultados deste estudo apontam uma desorganização no padrão morfológico e colunar de neurônios na camada II/III e V da área somatossensorial primária, com diferenças na localização do NeuN ao longo do soma neuronal. Houve redução no número de neurônios GABAérgicos na camada V, porém o número de células não-neuronais reduziu em ambas as camadas estudadas. As vias inibitórias nessa região desempenham papéis fundamentais para a organização colunar e processamento neuronal, tendo relações importantes com as células da glia, as quais regulam e são reguladas por neurotransmissores inibitórios. O desbalanço desse grupo neuronal tem consequências importantes, não só na possível explicação de achados de excitotoxicidade no autismo, mas como na organização das minicolunas e no processamento sensorial, encontrado de forma anormal nesses pacientes, destacando uma via biológica significativa e possivelmente envolvida na sua fisiopatologia.

Lista de Abreviaturas do Trabalho em Português

ADI – Entrevista diagnóstica para autismo

ADOS – Protocolo de observação para diagnóstico de autismo

AIDS – Síndrome da imunodeficiência adquirida

CDC – Centro de Controle e Prevenção de Doenças

CNV – *Copy Number Variations* (Variações no Número de Cópias)

CR – células do tipo Cajal-Retzius

DAPI – 4',6-diamidino-2-fenilindol

DISCO – Entrevista Diagnóstica de Distúrbios Sociais e de Comunicação

DSM-V - TR – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais V texto revisado

GABA – Ácido gama-aminobutírico

GABA-A – Receptor GABA-A

GABA-t – GABA Transaminase

GAD – Glutamato Descarboxilase

GAT – Transportador de GABA

GLN – Glutamina

GLNase – Glutaminase

GLU – Glutamato

GS – Glutamina Sintetase

Neu-N – Fator Nuclear Neuronal

PBS – Salina tamponada com fosfato

SNC – Sistema Nervoso Central

STAT– Ferramenta de Triagem para autismo aos 2 anos

TEA – Transtorno do Espectro do Autismo

TGD – Transtorno global do desenvolvimento

VIAAT – Transportador vesicular de aminoácidos inibitórios

VPA – Ácido Valproico

Lista de Abreviaturas do Trabalho em Forma de Artigo Científico

AIF1 – Allograft Inflammatory Factor 1

ASD – Autism Spectrum Disorders

CALB1 – calbindin

CNS – Central Nervous System

CR – Cajal-Retzius Cell

DCAMKL1 – serine-threonine kinase of the CAMK family

DCX – Doublecortin

DSM-IV-TR – Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders-IV-Text Revision

GABA – gamma-aminobutyric acid

GFAP – glial fibrillary acidic protein

IBA1 – Ionized calcium-binding adapter molecule 1

IQSEC3 – IQ (commonly isoleucine and invariably glutamine) motif and Sec7 domain 3 (guanine nucleotide exchange factor)

NES – Nestin

NeuN – Neuronal Nuclear Factor

NKAIN1 – Na+/K+ transporting ATPase interacting 1

P120 – Postnatal Day 120

PDDNOS – Pervasive Development Disorder Not Otherwise Specified

RBM45 – RNA binding motif protein 45

RNA – Ribonucleic Acid

TSPO – Translocator Protein

VPA – Valproic Acid

Lista de Figuras

Lista de Tabelas

1. INTRODUÇÃO

1.1. O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Descrito pela primeira vez por Hans Asperger em 1938 e, seguido por um relato de uma população de 11 crianças estudada por Leo Kanner em 1943 (Kanner 1968) o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado como um distúrbio do desenvolvimento marcado por diversos fatores complexos e graus de severidades variáveis. Seu diagnóstico, atualmente, baseia-se em um conjunto de alterações comportamentais, que envolvem déficits na comunicação e interação social, comportamentos repetitivos ou estereotipias e um padrão restrito de interesses (Gadia et al., 2004; Rapin and Tuchman, 2008). O espectro pode ser dividido nas classificações de: 1) autismo clássico, 2) Síndrome de Asperger, e 3) transtornos invasivos do desenvolvimento não especificados (DSM IV). Nos manuais de classificação esses quadros estão localizados dentro do capítulo dos transtornos globais do desenvolvimento (TGD), que inclui além dos TEA, a síndrome de Rett e o transtorno desintegrativo da infância. Pelo DSM-V, recentemente lançado, deixa de existir as subdivisões do espectro, passando a chamar-se apenas Transtornos do Espectro do Autismo. O autismo clássico engloba as características mais proeminentes no transtorno, como déficits cognitivos, comunicativos e sociais, bem como comportamentos estereotipados, sendo essas características a base para o diagnóstico clínico (Gadia *et al.* 2004, Rapin & Tuchman 2008). Apesar da heterogeneidade deste transtorno e da tentativa de criação e um padrão para o diagnóstico, não existem relatos de dois indivíduos com autismo apresentando o mesmo conjunto de sintomas, no entanto todos os indivíduos têm déficits na tríade que engloba o comportamento social, a comunicação verbal e não-verbal e os comportamentos repetitivos ou estereotipados, podendo variar em intensidade entre os indivíduos, porém são presentes ao longo de toda vida (Rapin & Tuchman 2008). Na DSM-V, já se incluem, dentro da caracterização do transtorno, alterações sensoriais importantes, como alta ou baixa responsividade a estímulos sensoriais e interesses atípicos na informação

sensorial. Além desses fatores diagnósticos, existem alguns sintomas associados, como reduzido contato visual, déficit gestual, atrasos de linguagem, inabilidade para interpretar emoções a partir de expressões faciais, hipersensibilidade a estímulos sensoriais, movimentos manuais estereotipados e dificuldade para mudanças em rotinas ou rigidez comportamental (Casanova 2007, Geschwind 2009, Rapin & Tuchman 2008). Características adicionais observadas em alguns casos incluem retardo mental, ansiedade, distúrbios do sono e gastrointestinais, além de maior circunferência craniana e volume cerebral quando jovens (Skoyles 2008, Casanova 2007, Rapin & Tuchman 2008). O diagnóstico desse transtorno somente é possível após dois ou três anos de idade, quando a criança já atinge idade suficiente para a comunicação e o começo das interações sociais complexas. Apesar de existirem sintomas que não podem ser notados nesta idade, como a reduzida coordenação motora, muitos pais percebem problemas no progresso social ou comunicativo das crianças. Os déficits sociais não são propriamente claros na infância, porém gradualmente se tornam mais evidentes com o passar dos anos (Dover & Le Couteur 2007).

A Síndrome de Asperger, descrita pela primeira vez por Hans Asperger em 1944, é uma das grandes controvérsias dentro do TEA. Os prejuízos cognitivos não são observados nessa síndrome, porém prejuízos sociais são bastante semelhantes ao que se observa no autismo clássico, com interesses restritos e um perfil de aprendizado particular, também chamado de deficiência de aprendizagem não-verbal (Volkmar *et al.* 2012).

Os transtornos que não satisfazem os critérios específicos de diagnóstico do DSM-V para autismo clássico, Síndrome de Asperger ou outros transtornos mais caracterizados, são alocados dentro do grupo dos transtornos invasivos do desenvolvimento não especificados. Neste grupo, encontram-se também déficits sociais e prejuízos tanto no comportamento restrito, quanto na comunicação, levando a hipótese desses transtornos serem multifacetas da genética e da complexidade do autismo.

1.1.1. DADOS EPIDEMIOLÓGICOS

Quando descrito pela primeira vez, o autismo era considerado uma condição rara afetando em torno de 4 pessoas em cada 10000 indivíduos. No entanto trata-se de um distúrbio muito mais freqüente, ocorrendo em aproximadamente 1% da população. A ocorrência de autismo nos EUA supera os diagnósticos de AIDS, câncer e diabetes, em crianças, somados (Autism Speaks, 2012).

Segundo dados epidemiológicos do ano de 2012 oriundos do Centro de Prevenção e Controle de Doenças (EUA), a densidade de indivíduos com autismo varia entre 1 a cada 88 crianças identificadas (Tabela 1). Nesse mesmo estudo, dentro do período que abrange os anos 2000 a 2008, a prevalência por 1.000 crianças nos EUA aumentou de 6.7 para 11.3, um aumento considerável quando comparado com dados de 15, ou 20 anos atrás (Fombonne 2003, Kogan *et al.* 2009, Fombonne 2009). Entre o período de 1991 a 1997, a prevalência do autismo aumentou em 556%, passando a afetar mais crianças do que, por exemplo, câncer e síndrome de Down (Muhle *et al.* 2004).

Identified Prevalence of Autism Spectrum Disorders
ADDM Network 2000-2008
Combining Data from All Sites

Surveillance Year	Birth Year	Number of ADDM Sites Reporting	Prevalence per 1,000 Children (Range)	This is about 1 in X children...
2000	1992	6	6.7 (4.5-9.9)	1 in 150
2002	1994	14	6.6 (3.3-10.6)	1 in 150
2004	1996	8	8.0 (4.6-9.8)	1 in 125
2006	1998	11	9.0 (4.2-12.1)	1 in 110
2008	2000	14	11.3 (4.8-21.2)	1 in 88

Tabela 1: Prevalência de TEA nos Estados Unidos da América (EUA) anos de 2000 a 2008. Estudo epidemiológico realizado pelo CDC (EUA).

Esse aumento fez com que as desordens do espectro do autismo se tornassem uma questão importante, não só em saúde, em termos de prevalência, morbidade, mas também em questões de impacto familiar e custo para a sociedade (DiCicco-Bloom *et al.* 2006). Estima-se um gasto médio de 1,6 milhão de dólares por individuo portador de autismo durante a vida (Kogan et al. 2009) e, somando com o custo de intervenções comportamentais intensivas, esse valor pode atingir a faixa de U$ 40.000 a U$ 60.000 por criança por ano, nos Estados Unidos (Autism Speaks, 2012).

Ao contrário do que chegou a ser cogitado (Wing & Potter 2002), vacinações, pelo uso do coadjuvante timerosal contendo mercúrio, não tem relação com o aumento da incidência de autismo (Fombonne 2008). Não há também quaisquer evidências de associação entre autismo, imigração, classe social ou etnicidade (Fombonne 1999). Segundo Fombonne, esse aumento se deve, pelo menos em parte, as mudanças nos critérios de diagnóstico, o que fez com que houvesse uma "migração" de indivíduos, com diagnóstico impreciso para o espectro do autismo (Fombonne 2009). Entretanto essa "migração" não explicaria todos os novos casos. Assim, estudos epidemiológicos e com modelos animais indicam que fatores ambientais podem ser responsáveis pelo aumento na ocorrência de autismo (Fombonne 2003, Schneider & Przewlocki 2005).

1.1.2. SINTOMATOLOGIA E COMORBIDADES

Os sintomas principais do autismo consistem em déficits de interação social e na comunicação, além de uma notável rigidez comportamental e de interesses (Manning-Courtney *et al.* 2013). Apesar de esses sintomas serem sobrepostos a outras desordens e doenças psiquiátricas, somente a presença de todas essas características em um mesmo indivíduo compõem a desordem do autismo. O transtorno em questão possui uma vasta gama de comorbidades que podem estar associadas a ele. A identificação precoce dessas diferentes comorbidades podem otimizar o direcionamento farmacológico com alvos terapêuticos, a qualidade de vida desses indivíduos, além de fornecer possibilidades e hipóteses para o

desenvolvimento científico de mecanismos sobrepostos ou subjacentes a essa desordem, em busca de respostas para a etiologia.

Os critérios diagnósticos no TEA podem variar assustadoramente de intensidade, contabilizando em um verdadeiro espectro: ao passo que se é observado um vasto vocabulário e gramática em alguns pacientes diagnosticados com autismo, é observado em outros somente frases repetitivas, podendo em alguns casos, observar a não apresentação da fala. A rigidez comportamental pode ser justificada por dificuldades por parte desses indivíduos em lidar com mudanças em sua rotina (Goldman *et al.* 2009).

Muitas crianças com autismo apresentam prejuízo intelectual e aproximadamente 75% precisa de apoio social e educacional significativo (Mefford, 2012; Bauman, 2010; Bauman, 2010). Esse prejuízo cognitivo pode ser explicado pelo maior risco promovido pela epilepsia, uma comorbidade bastante frequente no TEA , estando presente em pelo menos 30% dos indivíduos. Com esses dois fatores presentes, o indivíduo possui maior risco de desenvolver atraso no desenvolvimento e prejuízo intelectual do que aquelas com um ou outro distúrbio (Nazeer & Ghaziuddin 2012, Silver & Rapin 2012).

Hiperatividade, agressão, auto-mutilação, distúrbios do sono, além de sinais depressivos, psicóticos e comportamento suicida também podem ocorrer (Nazeer & Ghaziuddin 2012, Duchan & Patel 2012, Kaplan & McCracken 2012, Silver & Rapin 2012). Estudos clínicos apontam relatos de pacientes com hipo ou hiper-responsividade a estímulos sonoros, luminosos e táteis (Grandin 2009, Ben-Sasson *et al.* 2009, Kern *et al.* 2007), podendo apresentar graus variáveis de sensibilidade à dor (Hughes 2009, Klintwall *et al.*). Nos últimos anos, pesquisadores têm dado maior atenção ao sistema nervoso entérico e suas relações com o autismo, onde problemas gastrointestinais são evidenciados (Skoyles 2008, Casanova 2007, Rapin & Tuchman 2008). Distúrbios hormonais e metabólicos também podem estar presentes nestes indivíduos (Bauman 2010). Além disso, doenças como Esclerose tuberosa, X frágil e Síndrome de Angelman são frequentemente associadas ao autismo (Silver & Rapin 2012).

1.1.3. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico do autismo é clínico, realizado por meio de uma avaliação detalhada do desenvolvimento do paciente e de uma avaliação sistemática, consistindo num processo que requer tempo e uma equipe multidisciplinar para avaliação de dados comportamentais, história familiar e relatos dos pais (Falkmer *et al.* 2013). Devido ao espectro, a identificação de casos mais moderados ou com presença de comorbidades psiquiátricas podem dificultar os critérios diagnóticos. Embora escalas e entrevistas padronizadas como o Plano de Observação do Diagnóstico de Autismo (ADOS- Autism Diagnostic Observation Schedule), a Ferramenta de Triagem para Autismo aos 2 anos (STAT – Screening Tool for Autism in 2-Years-Olds), a Entrevisa de Diagnóstico do Autismo (ADI – Autism Diagnostic Interview) e a Entrevista Diagnóstica de Distúrbios Sociais e de Comunicação (DISCO – Diagnostic Interview of Social and Communication Disorders) (Falkmer *et al*, 2013) auxiliem no estabelecimento do diagnóstico, não há nenhum exame que detecte o transtorno (Huerta & Lord 2012).

Técnicas de imaginologia como tomografia computadorizada e ressonância magnética mostram alterações eletrofisiológicas, anatômicas e funcionais no encéfalo de pacientes com autismo, sendo comumente utilizadas na pesquisa sobre o distúrbio. Contudo, não há relatos de seu uso como potencial diagnóstico (Tchaconas & Adesman 2013).

1.1.4. ETIOLOGIA

Sendo classificado como uma transtorno multifatorial, o TEA possui componentes genéticos e ambientais em sua etiologia, que permanece pouco compreendida.

O fator genético foi evidenciado por meio de pesquisa com gêmeos monozigóticos, no intuito de verificar como se comporta a herdabilidade do

autismo. Estudos revelaram que o risco de autismo entre gêmeos monozigóticos pode atingir o patamar de 12 vezes mais alto do que na população neurotípica. Em gêmeos dizigóticos, esse risco cai para 4 vezes quando comparado com a população neurotípica (Greenberg *et al.* 2001). Apesar desses dados, o fator genético dentro do TEA não parece ser um componente determinante para desencadear o transtorno em uma população, sendo justificado pelo fato de que a concordância dos genes-alvo em indivíduos afetados é em torno de 1% (Levy *et al.* 2011). Ainda sim esses genes podem estar envolvidos como alterações em seu número variado de cópias (*Copy Number Variation* – CNV) nos seus locais gênicos, contribuindo nas alterações em rotas biológicas, convergentes àquelas envolvidas no TEA.

Cada vez mais se evidencia que o fator ambiental é um dos principais responsáveis pelo surgimento do TEA, uma vez que o alto crescimento da prevalência desse transtorno na população não parece ser explicado pelo fator genético. Estudos demonstraram que 30% dos fetos expostos à talidomida entre 20° e o 24° dia de gestação foram diagnosticados com autismo (Miller & Stromland 1999). Entretanto, a talidomida apresenta diferentes efeitos em primatas e em roedores, sendo que em primatas pode gerar entre outros, crescimento aberrante e deficiente dos membros. Outros teratógenos tidos como fatores de risco são o ácido valpróico (VPA) e o etanol (Ingram *et al.* 2000). O VPA tem seu mecanismo teratogênico baseado em sua atuação como indutor de alterações no fechamento do tubo neural, observadas similarmente em roedores e seres humanos (Bambini-Junior *et al.* , Ingram et al. 2000). Outros fatores de risco para o autismo incluem idade avançada dos pais, baixo peso ao nascer, sangramento materno, diabetes gestacional e exposição do feto a altos níveis de androgênios intrauterinos (Gardener *et al.* 2009, Baron-Cohen 2002).

1.1.5. ESTRUTURAS RELACIONADAS

Visto que a linguagem, funções executivas, interação social e comportamento emocional estão prejudicados no autismo, muitos estudos têm como foco o córtex pré-frontal (CPF), com estudos relatando um aumento de 67% no número de neurônios no CPFem encéfalos de pacientes com autismo (Courchesne *et al.* 2001). As alterações de conectividade estão entre os achados mais consistentes. A hipoconectividade a longa distância entre córtices frontal e temporal, e entre esses com outras estruturas foi documentado por alguns grupos de pesquisa (Just *et al.* 2004, Koshino *et al.* 2005, Villalobos *et al.* 2005). Enquanto isso, uma hiperconectividade foi descrita localmente no CPF (Courchesne & Pierce 2005) acompanhada de aumento no número de colunas e diminuição da espessura delas (Chomiak & Hu 2012).

O cerebelo possui um papel fundamental na locomoção, equilíbrio e diversas funções motoras e cognitivas do SNC, e encontra-se alterado dentro do TEA, tanto funcional e morfologicamente, com a redução de volume e no número de células de Purkinje, quanto geneticamente (Tan *et al.* 2010, Hong *et al.* 2000, Aldinger *et al.* 2012).

Alterações em estruturas límbicas são bastante evidentes e documentadas nessa desordem, como o hipocampo e a amígdala. O hipocampo faz parte do sistema límbico, sendo necessário para mecanismos de aprendizado, memória e diversas funções cognitivas, sendo um componente de estudo frequente dentro de modelos animais de autismo. Estudos relatam um aumento no tamanho dessa estrutura em indivíduos com TEA (Groen *et al.* 2010, Rojas *et al.* 2004). A amígdala é composta por um complexo de núcleos, sendo um local bastante associado com medo e agressividade. Estudos sobre o tamanho dessa região no TEA mostram resultados discordantes, havendo encontrado-se aumento (Groen et al. 2010, Nordahl *et al.* 2012) e diminuição na amígdala (Dalton *et al.* 2007). Outros dados interessantes sobre essa região incluem uma conectividade atípica e redução da habituação da amígdala

correlacionada com escala de responsividade social (Swartz *et al.* 2012, Murphy *et al.* 2013).

Dada a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados em pacientes com autismo, alterações nos núcleos da base também já foram encontradas (Langen *et al.* 2007, Stanfield *et al.* 2008, Takarae *et al.* 2007). Durante imitação de expressões faciais e tarefas de flexibilidade cognitiva, pacientes com autismo apresentam hipoativação do estriado (Dapretto *et al.* 2006, Shafritz *et al.* 2008).

Outras estruturas alteradas incluem o giro fusiforme, localizado no lobo temporal ventral, o qual tem papel no reconhecimento de faces. Alterações nessa região parecem fundamentais para vários sinais comportamentais observados em pacientes com autismo, uma vez que sua atividade encontra-se reduzida durante processamento de faces (van Kooten *et al.* 2008, Critchley *et al.* 2000, Pierce *et al.* 2001). As áreas de Broca e Wernicke, envolvidas com a linguagem, tambem mostram ativação anormal no autismo (Verhoeven *et al.* 2009).

1.2. VIAS INIBITÓRIAS E O CÓRTEX SOMATOSSENSORIAL PRIMÁRIO

A principal neurotransmissão inibitória do SNC é realizada por populações de neurônios que sintetizam e liberam o neurotransmissor ácido γ-aminobutírico (GABA), que exerce seus efeitos em um grupo de receptores ionotrópicos (GABA-A) e metabotrópicos (GABA-B).

Quando o GABA se liga aos seus receptores GABA-A, em encéfalos maduros, ocorre a hiperpolarização pós-sináptica pelo aumento do influxo intracelular do íon cloreto. Essa classe de receptores pode ser dividida em: 1) receptores sinápticos que produzem uma inibição caracterizada como rápida, em resposta a altas concentrações (mM) do neurotransmissor liberado e 2) receptores sinápticos que produzem uma liberação caracterizada como lenta, com uma condutância tônica persistente em resposta a baixas concentrações

(nM ou μM) do neurotransmissor na fenda sináptica (Farrant & Nusser 2005). As principais vias de síntese, liberação e recaptação do GABA estão ilustradas na figura 1.

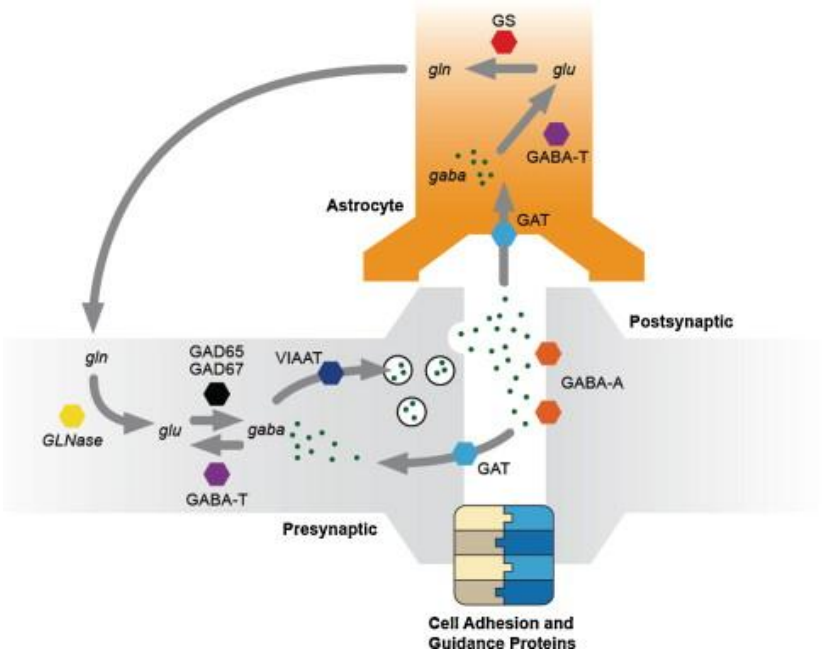


Figura 1.: Vias sinápticas responsáveis pela síntese, liberação e recaptação de GABA. Exemplificando o receptor GABA-A, não sendo mostrados o receptor GABA-B ou os auto-receptores GABA-A e GABA-B (Coghlan *et al.* 2012). O GABA, na fenda, pode ser recaptado, via transportadores específicos, por células gliais ou pelo próprio neurônio pré-sináptico. Nas células gliais, esse neurotransmissor é metabolizado até glutamina e retorna, dessa forma, aos neurônios, que podem reconvertê-lo a GABA e armazenálo em vesículas. No neurônio pré-sináptico, o GABA pode, também, ser re-armazenado em vesículas, bem como ser transformado em glutamato.

Os receptores GABA-B possuem seu mecanismo de hiperpolarização pela ativação de uma proteina G acoplada a canais de íons potássio, produzindo uma corrente inibitória mais lenta do que comparada com a corrente produzida por receptores ionotrópicos GABA-A (Padgett & Slesinger 2010).

A neurotransmissão GABAérgica no SNC é notavelmente refinada, uma vez que esses neurônios exibem grande diversidade morfológica, fisiológica e bioquímica (Somogyi & Klausberger 2005). Essas populações neuronais, podendo se apresentar na forma de interneurônios, possuem a tendência de

formar circuitos inibitórios distintos baseados na conectividade elétrica recíproca (Beierlein *et al.* 2003). Além dessa finalidade, essas células possuem propensão a realizar sinapse em compartimentos subcelulares específicos de neurônios alvos (Muller *et al.* 2006, Muller *et al.* 2007), uma vez que neles ocorre a expressão gênica de diferentes subunidades de receptores GABAérgicos (Fritschy & Brunig 2003, Klausberger *et al.* 2002). Esses fatos corroboram, portanto, circuitos com alto grau de refinamento no SNC maduro.

Devido a vias cruciais desses neurônios inibitórios nas funções cognitivas como o controle da excitabilidade tanto a nível celular quanto a nível de redes neuronais, direcionamento do fluxo de informação e na regulação de processos cognitivos (Cardin *et al.* 2009, Wang *et al.* 2009), estudos com essa via têm apresentado diversas informações relacionadas ao estudo do autismo. Perdas de interneurônios ou disfunções nessa inibição em encéfalos de indivíduos com a Síndrome do X Frágil, autismo, Síndrome de Rett, esquizofrenia e epilepsia são alguns dos exemplos (Chao *et al.* , Cossart *et al.* 2001, Gogolla *et al.* 2009, Selby *et al.* 2007, Marin).

As colunas neocorticais são unidades morfo-funcionais, cuja arquitetura pode ter sofrido pressão evolutiva seletiva em diferentes linhagens de mamíferos, em resposta a encefalização e especialização de habilidades cognitivas (Raghanti et al.). De acordo com o modelo de organização cortical, neurônios, células gliais e suas conexões formam um sistema vertical multi-conectado onde as células de cada minicoluna se unem a uma unidade funcional altamente coordenada (Mountcastle 1997). Nesse contexto, a menor unidade da anatomia cortical é a minicoluna, que é definida por um arranjo radial de neurônios, podendo essas unidades se arranjarem entre si, formando macrocolunas, como encontrados no córtex somatossensorial na forma de "barril" (do inglês *barrel somatosensory cortex*), observado frequentemente na área somatossensorial das vibriças de roedores.

Os interneurônios inibitórios GABAérgicos são um grupo de células que governam a microcircuitaria local cortical, sendo fundamentais para o processamento intra e intercolunar (Casanova *et al.* 2003, DeFelipe *et al.* 1986, Ascoli *et al.* 2008). Seus subtipos morfológicos são altamente conservados

entre os mamíferos (Sherwood *et al.* 2009), mas existe uma significativa variação entre os filos, além de sua diversidade, densidade, distribuição e padrões de desenvolvimento possuírem suas peculiaridades (Hof & Sherwood 2005, Sherwood *et al.* 2007). Em roedores e outras espécies não-primatas, os interneurônios inibitórios ocupam 15% ou menos da população neuronal cortical, enquanto que no córtex de primatas, esse valor pode atingir até 20% da população (Defelipe *et al.* 1999, DeFelipe *et al.* 2002).Ainda, a migração desses interneurônios parece ser diferente entre roedores e primatas, com sítios adicionais de neurogênese no neurepitélio ventricular lateral em primatas (Petanjek *et al.* 2009).

As origens distintas, bem como a distribuição desse grupo de interneurônios espécie-específicas no neocórtex podem estar relacionadas com as diferenças observadas nas habilidades cognitivas. Os interneurônios inibitórios podem ser classificados em subpopulações baseada em sua imunoreatividade para 3 proteínas ligantes de cálcio: CB (calbindina-D28k), CR (calretinina) e PV (parvalbumina). Cerca de 90% de todos os interneurônios GABAérgicos corticais colocalizam com um desses marcadores, com uma pequena sobreposição entre populações separadas (DeFelipe, 1997; Zaitsey *et al*., 2005). A figura abaixo ilustra essas subpopulações, relacionando com a sua orientação ao longo das camadas corticais:

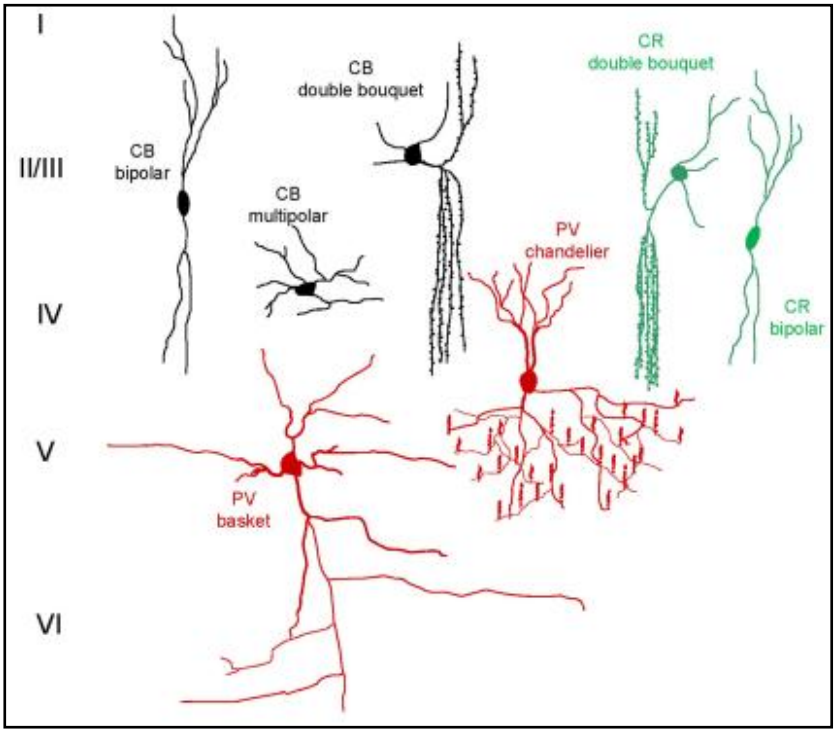


Figura 2: Representação da disposição dos interneurônios GABAérgicos colunares em relação às camadas corticais. A classificação desses interneurônios é realizada a partir da sua imunoreatividade à proteínas ligantes de cálcio (CB - calbidina, CR - calretinina e PV - parvalbumina).

Essas diferentes classes de interneurônios interagem com células piramidais, modulando o processamento do circuito cortical. Um exemplo dessa modulação pode ser observado com os papéis desses interneurônios dentro da coluna: os neurônios CB e CR estão envolvidos praticamente na comunicação intracolunar. Já os imunoreativos a PV, os quais as células multipolares *large basket* e *chandelier* são inclusas, estão envolvidos na sinalização transcolunar (figura 2). As células *large basket* possuem longos axônios, os quais se estendem horizontalmente, tendo como alvo o pericário de células piramidais de diferentes minicolunas (Somogyi *et al.* 1998). As células *chandelier* promovem a inibição lateral por meio de conexões sinápticas com segmentos iniciais de axônios das células piramidais (DeFelipe 1997, Li *et al.* 2002). Esses tipos celulares imunoreativos a PV regulam oscilações rítmicas de populações de células piramidais, e são representados por picos rápidos em seus potenciais de ação breves, com a ausência de picos adaptativos (Zaitsev *et al.* 2005, Sohal *et al.* 2009).

Dentro da supopulação de interneurônios imunoreativos a CR, existe uma grande variabilidade morfológica, diversificando-os em celulas bipolares, *double bouquet* e do tipo Cajal-Retzius (DeFelipe 1997). As células bipolares e do tipo *double bouquet* possuem arborizações axonais que se estendem verticalmente, alcançando dendritos de células piramidais em diferentes camadas do córtex (Figura 2), dentro das colunas vizinhas (DeFelipe 1997, DeFelipe *et al.* 1989)

Os interneurônios GABAérgicos, particularmente aqueles imunoreativos a CB, como a célula *double bouquet*, contribuem significativamente para a morfologia e distribuição das minicolunas no córtex de primatas (Buxhoeveden & Casanova 2002, Casanova *et al.* 2009).

1.3. GABA, CÓRTEX E O AUTISMO

Estudos analisando o balanço entre as vias excitatórias e inibitórias do SNC revelaram a presença de uma excitotoxicidade proveniente do desbalanço entre o glutamato e o GABA, em encéfalos de pacientes com autismo (Essa *et al.* 2012).

Uma vez que o equilíbrio entre a neurotransmissão glutamatérgica e GABAérgica é requerida para a regulação da cognição e de comportamentos emocionais, as primeiras hipóteses de que esse sistema pode estar fortemente ligado com o TEA passou de uma questão para uma confirmação (Ingram et al. 2000). Da mesma forma que alguns dados revelam o aumento da neurotransmissão excitatória no SNC pelo neurotransmissor glutamato, evidências demonstram que essa desregulação glutamatérgica tem relação com um desbalanço GABAérgico, com a consequente redução da neurotransmissão inibitória no SNC de pacientes com autismo (Banerjee *et al.* 2012).

Alguns estudos de expressão gênica revelaram padrões anormais de expressão de genes de receptores e enzimas ligadas à neurotransmissão GABAérgica (Coghlan et al. 2012). Enzimas como GAD65 e GAD67 apresentam seus níveis proteicos reduzidos em 50% nos córtices parietal e cerebelar de pacientes com autismo (Durand *et al.* 2011). Vários alvos genéticos têm sido documentados ao longo dos anos, mas estudos mostram que o cromossomo 15 pode ter uma importante relação com o autismo, devido às suas alterações cromossômicas em determinadas regiões que codificam subunidades do receptor GABA-A (Coghlan et al. 2012).

Muitas anormalidades neuropatológicas parecem afetar a organização e funcionamento das minicolunas e dos interneurônios que as compõem. A diminuição de populações de interneurônios específica (interneurônios imunoreativos a CB) foi observada no córtex pré-frontal de pacientes com esquizofrenia (Sakai *et al.* 2008), bem como alterações no tamanho das

minicolunas (Casanova *et al.* 2008b, Di Rosa *et al.* 2009). Dentro do contexto da doença de Alzheimer, a estrutura das minicolunas é seletivamente desarranjada e a perda da organização colunar é relacionada com o número de emaranhados neurofibrilares (Buldyrev *et al.* 2000). Mudanças morfológicas nas minicolunas parecem ser consistentes com as anormalidades do desenvolvimento em vez de processos patológicos progressivos (Casanova *et al.* 2005, Casanova et al. 2008b). Já é postulado que o controle inibitório GABAérgico das minicolunas corticais está comprometido dentro do autismo (Casanova et al. 2003). Tanto na desordem do autismo, quanto na Síndrome de Asperger, é observado um estreitamento da minicoluna (Casanova et al. 2003, Casanova *et al.* 2002a, Casanova *et al.* 2002b, Casanova *et al.* 2002c). Uma vez que estudos mostram que este espaço é dependente de populações de interneurônios inibitórios, um déficit do controle GABAérgico é esperado. A modulação da atividade das minicolunas pode ser alterada tanto pela conectividade local, quanto pela conectividade a longa distância, resultando em uma super excitação colateral entre as minicolunas, observado no autismo (Casanova & Trippe 2009, Casanova *et al.* 2008a). Essa super-excitação pode estar envolvida na incidência de convulsões em pacientes com o transtorno (Casanova et al. 2003) e, esta relação encontra respaldo em recentes relatos de déficits em ambos interneurônios imunoreativos a PV e a CR com displasias corticais focais associadas com epilepsia (Zamecnik *et al.* 2006, Barinka *et al.*).

Levando em consideração o fato de a epilepsia ser a comorbidade mais frequente dentro do TEA, estudos analisando as fibras GABAérgicas com a prevalência de convulsões em pacientes autistas foram realizados e, não surpreendetemente, mostraram anormalidades (Casanova et al. 2003). Outros estudos utilizando imagenologia mostraram menor ligação de GABA entre os receptores GABA-A na amígdala, verme cerebelar, córtices frontal, parietal e occipital em desordens genéticas com comportamentos autistas presentes (Chugani 2012).

2. OBJETIVOS

2.2. OBJETIVOS GERAIS

Quantificar e analisar a densidade de células neuronais e não neuronais e o imunoconteúdo do principal neurotransmissor inibitório do sistema nervoso central, GABA, na área somatossensorial primária no campo de barris (*Barrel Fields*) do córtex de ratos Wistar prenatalmente expostos ao ácido valproico.

2.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar, em amostras de Córtex, na idade pós-natal P120:

1) O conteúdo de GABA intra e extracelular, a partir da co-localização de :
    a. GABA, para a verificação de neurônios GABAérgicos;
    b. Neu-N, para a confirmação do tipo celular neuronal.
2) A relação entre a presença de GABA com o padrão colunar observado em neurônios em camadas corticais do SNC de ratos controle e ratos expostos ao ácido valpróico no modelo animal de autismo

3. TRABALHO EXPERIMENTAL NA FORMA DE ARTIGO CIENTÍFICO

A ser submetido ao periódico Brain Research

ANIMAL MODEL OF AUTISM INDUCED BY PRENATAL EXPOSURE TO VALPROATE: QUANTITATIVE ANALYSIS OF NEURONAL, NONNEURONAL CELLS AND CORTICAL IMMUNOCONTENT OF GABA

Mellanie Fontes Dutra da Silva.[a,b,c], Victorio Bambini Junior[a,b,c], Gabriela Muller de Melo.[b], Guilherme Bauer Negrini.[a,b,c], Carla Moreira Furtado[e], Cecília Hedin-Pereira.[d,e], Carmem Gottfried.[a,b,c*]

[a] Research Group in Neuroglial Plasticity at Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil

[b] Department of Biochemistry, Institute of Health's Basic Science at Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil

[c] Translational Research Group in Autism Spectrum Disorders (GETEA) at Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil

[d] Institute of Biophysics Carlos Chagas Filho at University of Rio de Janeiro 21941-590, Rio de Janeiro, Brazil

[e] Anatomy Program and Morphological Sciences Program, Cellular Neuroanatomy Lab at Biomedical Sciences Institute in Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 21941-590, Brazil

*Correspondence address: Carmem Gottfried, Departamento de Bioquímica, Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Rua Ramiro Barcelos 2600, anexo, 90035-003, Porto Alegre, RS, BRAZIL, faz: +55 51 3308 5551. Email address: cgottfried@ufrgs.br

ABSTRACT

Autism spectrum disorders (ASD) are characterized by deficits in social interaction, language and communication impairments and repetitive and stereotyped behaviors, with involvement of several areas of the central nervous system (CNS), including cortical areas, as the primary somatosensory area. Impairments in excitatory/inhibitory rate in CNS, especially in cortical regions related to sensory processing, may be involved in autism disorders, associated with cognitive and behavioral characters, morphology and neuronal organization in columnar patterns in these areas. The present study investigates the cortical layers II/III and V of primary somatosensory area from 120 (P120) days old male rats prenatally exposed to valproic acid (VPA) as an animal model of autism. Herein, we analyzed quantitatively the number of neuronal cells and nonneuronal cells, the columnar cortical organization and the GABA labeling, targeting GABAergic neurons, by immunohistochemistry labeling NeuN and GABA. In the VPA group, results show impairment in columnar organization and in the localization of NeuN in neurons from layer II/III and V as well. Besides, the reduction in nonneuronal cells in both layers and GABAergic neurons in layer V were evidenced in VPA group, representing by a decrease in GABA and NeuN labeling. These data highlight the importance of the balance in excitatory/inhibitory synapses at the cortical level, pointing out important aspects to be considered by a reduction in GABAergic inputs in this area. These results may contribute in both physiopathological and pharmacological approaches in ASD.

Highlights

► Animal model of autism induced by prenatal exposure to valproic acid (VPA). ► Neuronal and nonneuronal cell quantification. ► VPA-impairments in columnar organization at layers II/III and V. ►VPA decreased GABAergic neurons in layer V and nonneuronal cells in both layers ► GABAergic misbalance in primary somatosensory area is possibly involvement in autism.

Keywords

Autism; Valproic acid; Animal model; GABA; Columnar Organization

1. INTRODUCTION

The term Autism Spectrum Disorder (ASD) refers to a group of conditions characterized by deficits in social interaction, language and communication impairments and repetitive and stereotyped behaviors. As stated in the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders-IV-Text Revision (DSM-IV-TR), ASD comprises Autistic Disorder (also called ‘‘classic’’ autism), Pervasive Development Disorder Not Otherwise Specified (PDDNOS), and Asperger’s Disorder (Gadia et al., 2004). Although different theories have emerged trying to explain the etiology of this disorder, it remains unknown. Besides, diagnostic criteria still lacks objective information, with limited treatment options for the entire spectrum. Genetic factors such as mutations, deletions and copy number variants are implicated in causation of autism (Abrahams and Geschwind, 2008; Grigorenko, 2009). However, epidemiological studies have evidenced that adverse environmental conditions such as maternal exposure to infections, ethanol, thalidomide and Valproic Acid (VPA) increase the risk of autistic offspring (Arndt et al., 2005; Dufour-Rainfray et al., 2011), explaining the increasing autism prevalence mainly when combined with changes in diagnostic practice. After clinical and animal studies, many encephalic structures have been implicated in autism pathology, including frontal cortex (Courchesne and Pierce, 2005a),, cerebellum (Amaral et al., 2008; Courchesne and Pierce, 2005b), amygdala (Schultz, 2005), cingulate cortex (Oblak et al., 2009; Oblak et al., 2011) and the hippocampus (Courchesne and Pierce, 2005a). Recent studies in postmortem brain samples from individuals with autism have shown that young prefrontal cortex presents impaired developmental pathways while the adult tissue displays arrested growth and degeneration (Chow et al., 2012). There is also much evidence showing that specific neurotransmitter systems may be altered; such as serotonin, GABA (Oblak et al., 2009; Oblak et al., 2010) glutamate (Choudhury et al., 2011) and others (Lam et al., 2006). As a high refined transmission, the GABAergic synapses are crucial not only in the control of brain homeostasis during developing and mature neuronal circuits establishment, but it makes necessary also during the pregnancy. This neuronal population controls the migration and maturation of pyramidal neurons, as well its columnar

organization, essential for the information processing in CNS (DeFelipe et al., 1986; Owens and Kriegstein, 2002; Pizzarelli and Cherubini). Furthermore, a misbalance in the excitatory/inhibitory rate, caused by impairments in GABAergic neurotransmission, can affect cognition abilities and emotional behaviors, as show in autism disorders (Banerjee et al., 2012; Ingram et al., 2000). Cortical neurons are organized as an information processing system of radial structure called columns, and the transmission flow are governed by interneurons and its inhibitory synapses (Ascoli et al., 2008; Casanova et al., 2003; DeFelipe et al., 1986). Altered GABAergic transmission in cortical layers can explain some features observed in autistic patients, as hyper sensibility to sensory stimulus (Rubenstein and Merzenich, 2003) due to the columnar disorganization, causing misprocessing inside the column and in its neighborhood (Ascoli et al., 2008; Casanova et al., 2003; DeFelipe et al., 1986). In the present work we quantified the number of nonneuronal and neuronal cells; the amount of GABAergic cells and evaluated the columnar organization profile in primary somatosensory area from adult male rats prenatally exposed to VPA (Bambini-Junior et al., 2011).

2. RESULTS

2.1. Columnar Organization of neurons and Cellular NeuN profile

Illustrative images show the columnar organization of neurons in layer II/III (Figure 1) and V (Figure 2) of primary somatosensory cortex from P120 rats, respectively. In both layers was evidenced disorganization in the columnar representation in VPA group, compared to the control group. Furthermore, in VPA group, the neurons showed differences in the morphology, losing the pyramidal architecture. The distribution of NeuN, normally observed in the entire nucleus and cytoplasm, (Figures 1-2, panels A-C) changes in VPA group, locating predominantly in the cytoplasm, near to the plasmatic membrane, as showed by the inset of Figures 1-2 (panels B-D).

2.2. Immunostaining of GABA and NeuN

Illustrative images of NeuN and Gaba immunostaining are shown in Figure 3, for layer II/III (A, D) and V (B, D). In layer V, illustrative figures of the NeuN's

fluorescence are shown in Figures 4A-B and GABA's fluorescence are shown in Figures 4D-E. As showed in Figure 3, no statistical significance was found in the immunostaining quantification of NeuN between VPA (18.04 ± 1.434 N=3) and control groups (21.88 ± 4.512 N=3) *p*= 0.463, and of GABA between VPA (18.38 ± 4.037 N=3) and control groups (22.65 ± 5.424 N=3) *p*= 0.5623, at P120 in primary somatosensory area layer II/III. However, as shown in Figure 4, statistical significance was found when comparing the immunostaining of NeuN in layer V. The presence of NeuN+ cells decreased in VPA (16.15 ± 0.9516 N=3) when compared to the control group (27.78 ± 0.3735 N=3) *p*= 0.0003, but no statistical significance was found in the labeling of GABA between VPA (19.75 ± 2.981 N=3) and control group (25.42 ± 2.476 N=3) *p*= 0.2173.

2.3. Number of GABAergic Neurons

Illustrative images of layers II/III and V are shown in Figures 5 (A-F) and 6 (A-F), respectively. No changes were observed in number of GABAergic neurons at layer II/III between control (4.000 ± 2.082 N=3), and VPA (5.000 ± 1.155 N=3) groups, *p*=0.6960, as demonstrated in Figure 5 G. However, a significant decrease (52 %) in the number of GABAergic neurons was observed at layer V in VPA group (6.833 ± 0.6009 N=3) compared to the control (14.33 ± 1.856 N=3) *p*=0.0184 (Figure 6G).

2.4. Number of Neuronal and, Nonneuronal Cells

Illustrative images of layers II/III and V layers II/III and V are shown in Figures 7A-B and 8A-B. There was no difference in the number of neuronal between VPA (202.7 ± 18.84 N=3) and control group (180.7 ± 9.905 N=3) *p*=0.3596, neither in the number of total cells between VPA (314.7 ± 35.10 N=3) and control group (367.3 ± 6.984 N=3), *p*=0.2151. Nevertheless, the number of nonneuronal cells decreased 39.1% in VPA group when compared to the control group (from 184.3 ± 16.05 N=3 to 112.0 ± 16.29 N=3, *p*=0.0341) (Figure 7C). In layer V was observed no difference in the number of neurons between VPA (152.7 ± 2.333 N=3) and control group (136.0 ± 7.810 N=3) *p*=0.1104, neither in total cells between VPA (278.3 ± 3.180 N=3) and control group (295.3 ± 7.688 N=3), *p*=0.1105. However, the number of nonneuronal cells decreased

26.36% in VPA group when compared to the control group (from 165.0 ± 4.223 N=4 to 121.5 ± 5.315 N=4, *p*=0.0007) (Figure 8C).

2.5. The targets for NeuN/Fox-3 transcriptional factor

Figure 9 illustrates the main possible targets for the transcriptional factor NeuN/Fox-3, a RNA-binding protein that regulates alternative splicing events, by text mining search in String 9.05. The description of genes, are summarized in Table 2.

Genes involved in inflammatory processes, shown in red circles: IBA1 (Ionized calcium-binding adapter molecule 1), also known as AIF-1 (allograft inflammatory factor 1), gene position 2-147 and ENSP00000415805, gene position 14-161. These targets play a role in RAC signaling and in phagocytosis and may be involved in macrophage activation and function. They also promote the proliferation of vascular smooth muscle cells and of T- lymphocytes, enhancing lymphocyte migration.

Genes involved in neuronal migration and differentiation, shown in blue circles: GFAP (glial fibrillary acidic protein), a class-III intermediate filament, is a cell-specific marker that, during the development of the central nervous system, distinguishes astrocytes from other glial cells. DCX, (Doublecortin). It seems to be required for initial steps of neuronal dispersion and cortex lamination during cerebral cortex development, may acting by competing with the putative neuronal protein kinase DCAMKL1 in binding to a target protein. It also may in that way participate in a signaling pathway that is crucial for neuronal interaction before and during migration, possibly as part of a calcium ion-dependent signal transduction pathway. NES (Nestin), may play a role in the trafficking and distribution of Initiation Factors proteins and potentially other cellular factors to daughter cells during progenitor cell division, - by similarity and RBM45 (RNA binding motif protein 45), RNA-binding protein with binding specificity for poly(C), which may play an important role in neural development. Another genes-target for NeuN/Fox-3: CALB1 (calbindin 1, 28kDa), buffer of cytosolic calcium. May stimulate a membrane Ca^{2+}-ATPase and a 3',5'-cyclic nucleotide phosphodiesterase. TSPO (translocator protein, 18kDa), responsible for the manifestation of peripheral-type benzodiazepine recognition sites and is most

likely to comprise binding domains for benzodiazepines and isoquinoline carboxamides. It may play a role in the transport of porphyrins and heme. Plays a role in the transport of cholesterol across mitochondrial membranes in steroidogenic cells, by similarity. NKAIN1 (Na+/K+ transporting ATPase interacting 1) and IQSEC3 (IQ motif, commonly isoleucine and invariably glutamine) and Sec7 domain 3, acts as a guanine nucleotide exchange factor (GEF) for ARF1.

3. DISCUSSION

The primary somatosensory area in rodents is an excellent model to study cortical developmental disorders, since its organization is concentrated in a precise somatotopic pattern, reflecting the whiskers localization in the face of these animals, forming a map of its disposition (Woolsey and Van der Loos, 1970). These structures are called *barrels,* formed by neurons that depolarize with similar stimulus, organized in columns disposed in a somatotopic map (Bonhoeffer and Grinvald, 1991; Issa et al., 2000). The misbalance in excitatory and inhibitory synapses in this area is strongly associated with abnormal sensorial processes in neurological disorders, and this could explain important features found in autism, as the hyper sensibility to sensorial stimuli or abnormal sensorial perception to tactile and auditory stimuli (Rubenstein and Merzenich, 2003). Increasing the excitatory/inhibitory rate by knockout in the *Fmr1* gene leads to the epilepsy, hyper sensibility to stimuli and cognitive disorders, features observed in autism (Gibson et al., 2008; Hagerman and Hagerman, 2002).

Here, we demonstrate that VPA group present alteration in columnar organization, losing the cortical layer's delimitations. Recent work showed that the glicoprotein reelin knockout cause disturbance in the normal inside-out pattern, described as an inversion of cortical layering, appeared as a randomly distributed collection of marker-labeled cells (Wagener et al., 2010). Reelin is a secretory serine protease with an embryological role, guiding neurons and radial glial cells to their corrected positions in the developing brain, and a role in adult brain, involved in a signaling pathway which underlies neurotransmission, memory formation and synaptic plasticity (Wagener et al., 2010). This molecule

can be expressed in Cajal-Retzius (CR) Cells and GABAergic cells. These cell types segregate in the cortical marginal zone (MZ) in response to BDNF signaling, leading to an alternating pattern and a columnar cortical organization, affecting the migration of different neuronal populations (Alcantara et al., 2006). These data suggest that both CR cells and GABAergic neurons play a role in directing the radial migration of late-generated cortical neurons, and their distribution in this area is critical for the development of correct cortical organization. In addition, reelin secreted by CR cells in the MZ is not sufficient to direct the migration of late-born neurons to the upper cortical layers, which most likely requires the presence of reelin-secreting interneurons in layers V–VI (Alcantara et al., 2006).

The columnar organization is responsible not only to the morphological display in mammal cortex, but also to play an important role in integrate the information flow of the cortical layers (Casanova et al., 2003). *Post mortem* studies using autistic brains demonstrate minicolumnar impairments in autism (Casanova et al., 2006). The size and morphology of these refined structures can indicate its physiology, with functional implications when altered (Favorov and Kelly, 1994; Gustafsson, 1997; Seldon, 1981), as a language acquisition delay (Casanova et al., 2003).

In the present work we also demonstrate that prenatal exposure to VPA have less GABAergic neurons in layer V, turning the brain more willing to a misbalance in the excitatory/inhibitory rate. These alterations may lead to an inadequate processing of the sensorial inputs which can be detected by behavioral trials to determine whether the decrease in this neuronal population at layer V is responsible for the sensorial misprocessing found in patients with autism. In this layer, studies have demonstrated the contribution of excitatory and inhibitory synapses at somatic level of pyramidal neurons in the global conductance changing. The excitatory compound comprises 20% of this changing and the inhibitory compound comprehends 80% (Le Roux et al., 2006). Therefore, the decrease of GABAergic neurons in layer V indicates a possible answer to the misbalance in excitatory/inhibitory rates, found in this area in autism spectrum disorders. As we have shown in results, the number of GABAergic neurons in layer V is decreased in adult brain. Investigations with

early age's brains are required, in order to enable an explanation to the cortical derangement. Indeed, the involvement of reelin and the GABAergic system is notably stronger in autism.

Glial cells display important roles in the homeostasis of neuronal function and brain plasticity with a number of receptors which can be activate independently of neuronal activity, releasing transmitter, or gliotransmitters (Fiacco and McCarthy, 2006; Rousse and Robitaille, 2006; Volterra and Meldolesi, 2005). *Post mortem* studies verified higher levels of GFAP, the main protein of mature astrocytic cytoskeleton, in frontal, parietal and cerebellar cortex, possibility raising the astroglial activation (Laurence and Fatemi, 2005). Furthermore, in microglia, a myeloid cell resident in CSN, increases in excitatory/inhibitory rate can lead to increases in mobility of its processes, turning the microglial cell more reactive (Banerjee et al., 2012). In this context, we suggest that a decrease in GABAergic neuron may be involved in the microglial reactivation. Besides the decreasing of nonneuronal cells, and knowing that the most part of these cells are represented by glial cells, it did not interfere in their reactivation. Studies must be done to better understand and identify these cell types inside the glial population, that represent this alteration in the primary somatosensory area and how the activity of these cells can modulate possible pathophysiological roles in autism disorders.

The transcriptional factor NeuN is a neuron-specific protein broadly used to target neurons. In fact, the role that NeuN displays in the neuron were discovered recently (Kim et al., 2009). In this context, we also investigated the main described targets for NeuN which includes molecules involved in inflammation and neuronal differentiation and migration. Considering the NeuN act as a transcriptional factor, our results observed in VPA group suggest that with cytoplasmic localization at the cell periphery, their targets may be less expressed. Besides, one of its targets is the the myosin II-B non muscular heavy chain, found only in developing and mature neurons, with a role in regulation of actin, the main compound of neuronal cytoskeleton, related to neuronal migration in CSN (Brown and Bridgman, 2004). These data suggest a possible role for NeuN in the neuronal migration and morphology and more studies must be done to determine its contribution in autism disorders.

The present work demonstrates for the first time to our knowledge alterations in cellular morphology, organization and distribution in the somatosensory cortex in the animal model of autism induced by prenatal exposure to VPA. This is a relevant issue to be investigated in future works, aiming to increase the knowledge of brain impairments induced by autism.

3.1. Conclusions

Our work demonstrates that the neuropathological alterations leading to autism may be due to a primary GABAergic alteration. Since the inhibitory transmission is responsible for neuronal migration, also playing important roles in cortical organization at the columnar level and is involved in many reciprocal interactions with glial cells, our results aim to help filling this gap that exists concerning autistic neuropathology. Our data show that the VPA-induced primary somatosensory area impairments present a decrease in GABAergic neurons at layer V and nonneuronal cells at layer II/III and V. This scenario seems to be responsible for the alterations in the stimuli processing in this area, leading to the main features of autism, as the hyper sensibility to tactile and auditory stimuli. Furthermore, this GABAergic impairment may be involved in the cortical columnar architecture derangement and these changes in the autistic brain may have significant implications in autism physiopathology. Our results also demonstrate a different localization for NeuN in control and VPA groups, and the implications of the many roles of NeuN, as a regulator of the protein expression involved in inflammation and neuronal differentiation/migration. Besides, it may be involved in neuronal morphology alteration, changing from pyramidal in controls, to cylindrical in VPA group, at layer V. In summary, the GABAergic impairment seems to be correlated to all of these findings, and may therefore be a new target to further studies in the etiology and therapeutic strategies in autism.

4. EXPERIMENTAL PROCEDURES

4.1. Subjects

Female Wistar rats were obtained from the local breeding colony (ICBS-Federal University of Rio Grande do Sul), with 12:12 light cycle (lights on at 7:00 and lights off at 19:00), controlled temperature (22±1°C), water and food *ad libitum*. They were handled in accordance to the governmental and Brazilian experimental Biology Societies Federation guidelines. The estrous cycle was monitored and females were mated overnight. The first day of gestation was considered when spermatozoa were found in the vaginal smear. Valproic acid (Acros Organics, New Jersey, USA) was purchased as the sodium salt and dissolved in 0.9% saline for a concentration of 250 mg/ml. Females received a single intraperitoneal injection of VPA (600 mg/kg, 250 mg/ml diluted in NaCl 0.9%) in the 12.5th day of gestation and control females received physiological saline at the same time as previously described (Bambini-Junior et al., 2011; Schneider and Przewlocki, 2005). Females were housed individually and were allowed to raise their own litters. The offspring rats were housed separately by sex at P21. Male pups from at least three different litters at postnatal day 120 were anaesthetized and transcardiacally perfused in order to perform immunofluorescence analysis as described ahead. The brains were removed and were kept in −80°C.

4.2. GABA and NeuN immunofluorescence

Rats were anesthetized (75 mg/kg ketamine + 10 mg/kg xylazine) and transcardiacally perfused with 0.9%-NaCl solution followed by first 1,5%-paraformaldehyde and after 4%-paraformaldehyde solution before the removal of their brain. The brains were further post-fixed during 4 hours in a 4%-paraformaldehyde phosphate buffer saline (PBS) solution (pH 7.4) and were subsequently cryoprotected in 15% and 30%-sucrose PBS solutions until they were completely submerged. After been freezed in -80ºC freezer, coronal slices (25 µm) were obtained using a −20ºC cryostat (Leica Microsystems GmbH). Brain sections containing the primary somatosensory area slices were arranged in microscopy slides (4 slices per lamina) which were washed three times with PBS at room temperature. Rabbit anti-GABA (GE

Healthcare, 1:1000) and mouse anti-NeuN (Sigma, 1:500) were diluted in a 10% bovine serum albumin 0,1% Triton X-100 PBS solution and incubated during 72 h at 4ºC. Secondary antibodies (AlexaFluor 488 anti-rabbit and 568 anti-mouse, Invitrogen, 1:500) at room temperature for 2h. Slides were then incubated with DAPI solution, mounted with n-propilgalate and cover slipped. Images were obtained in a confocal microscope and cell types and fluorescence were analyzed using the Image J software. The number of nonneuronal, neuronal and total cells, as well the amount of GABAergic neurons, were counted in 184 cm^2/sample (n=3-4 rats/group). The images were obtained by Olympus FluoView 4.0 Viewer.

4.4. Statistical analysis

Data are presented as mean±SE and were analyzed statistically by Student`s *t* test and P≤0.05 was considered as statistically significant. All analyses were carried out using the GraphPad Prism 5 software.

AKNOWLEDGEMENTS

This work was supported by National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and the Coordination for Improvement of Higher Education Personnel (CAPES).

REFERENCES

Abrahams, B.S., Geschwind, D.H., 2008. Advances in autism genetics: on the threshold of a new neurobiology. Nat Rev Genet. 9**,** 341-55.

Alcantara, S., Pozas, E., Ibanez, C.F., Soriano, E., 2006. BDNF-modulated spatial organization of Cajal-Retzius and GABAergic neurons in the marginal zone plays a role in the development of cortical organization. Cereb Cortex. 16**,** 487-99.

Amaral, D.G., Schumann, C.M., Nordahl, C.W., 2008. Neuroanatomy of autism. Trends Neurosci. 31**,** 137-45.

Arndt, T.L., Stodgell, C.J., Rodier, P.M., 2005. The teratology of autism. Int J Dev Neurosci. 23**,** 189-99.

Ascoli, G.A., Alonso-Nanclares, L., Anderson, S.A., Barrionuevo, G., Benavides-Piccione, R., Burkhalter, A., Buzsaki, G., Cauli, B., Defelipe, J., Fairen, A., Feldmeyer, D., Fishell, G., Fregnac, Y., Freund, T.F., Gardner, D., Gardner, E.P., Goldberg, J.H., Helmstaedter, M., Hestrin, S., Karube, F., Kisvarday, Z.F., Lambolez, B., Lewis, D.A., Marin, O., Markram, H., Munoz, A., Packer, A., Petersen, C.C., Rockland, K.S., Rossier, J., Rudy, B., Somogyi, P., Staiger, J.F., Tamas, G., Thomson, A.M., Toledo-Rodriguez, M., Wang, Y., West, D.C., Yuste, R., 2008. Petilla terminology: nomenclature of features of GABAergic interneurons of the cerebral cortex. Nat Rev Neurosci. 9**,** 557-68.

Bambini-Junior, V., Rodrigues, L., Behr, G.A., Moreira, J.C., Riesgo, R., Gottfried, C., 2011. Animal model of autism induced by prenatal exposure to valproate: behavioral changes and liver parameters. Brain Res. 1408**,** 8-16.

Banerjee, A., Garcia-Oscos, F., Roychowdhury, S., Galindo, L.C., Hall, S., Kilgard, M.P., Atzori, M., 2012. Impairment of cortical GABAergic synaptic transmission in an environmental rat model of autism. Int J Neuropsychopharmacol. 16**,** 1309-18.

Bonhoeffer, T., Grinvald, A., 1991. Iso-orientation domains in cat visual cortex are arranged in pinwheel-like patterns. Nature. 353**,** 429-31.

Brown, M.E., Bridgman, P.C., 2004. Myosin function in nervous and sensory systems. J Neurobiol. 58**,** 118-30.

Casanova, M.F., Buxhoeveden, D., Gomez, J., 2003. Disruption in the inhibitory architecture of the cell minicolumn: implications for autism. Neuroscientist. 9**,** 496-507.

Casanova, M.F., van Kooten, I.A., Switala, A.E., van Engeland, H., Heinsen, H., Steinbusch, H.W., Hof, P.R., Trippe, J., Stone, J., Schmitz, C., 2006. Minicolumnar abnormalities in autism. Acta Neuropathol. 112**,** 287-303.

Choudhury, P.R., Lahiri, S., Rajamma, U., 2011. Glutamate mediated signaling in the pathophysiology of autism spectrum disorders. Pharmacol Biochem Behav. 100**,** 841-9.

Chow, M.L., Pramparo, T., Winn, M.E., Barnes, C.C., Li, H.R., Weiss, L., Fan, J.B., Murray, S., April, C., Belinson, H., Fu, X.D., Wynshaw-Boris, A., Schork, N.J., Courchesne, E., 2012. Age-dependent brain gene expression and copy number anomalies in autism suggest distinct pathological processes at young versus mature ages. PLoS Genet. 8**,** e1002592.

Courchesne, E., Pierce, K., 2005a. Why the frontal cortex in autism might be talking only to itself: local over-connectivity but long-distance disconnection. Curr Opin Neurobiol. 15**,** 225-30.

Courchesne, E., Pierce, K., 2005b. Brain overgrowth in autism during a critical time in development: implications for frontal pyramidal neuron and interneuron development and connectivity. Int J Dev Neurosci. 23**,** 153-70.

DeFelipe, J., Hendry, S.H., Jones, E.G., 1986. A correlative electron microscopic study of basket cells and large GABAergic neurons in the monkey sensory-motor cortex. Neuroscience. 17**,** 991-1009.

Dufour-Rainfray, D., Vourc'h, P., Tourlet, S., Guilloteau, D., Chalon, S., Andres, C.R., 2011. Fetal exposure to teratogens: evidence of genes involved in autism. Neurosci Biobehav Rev. 35**,** 1254-65.
Favorov, O.V., Kelly, D.G., 1994. Minicolumnar organization within somatosensory cortical segregates: I. Development of afferent connections. Cereb Cortex. 4**,** 408-27.
Fiacco, T.A., McCarthy, K.D., 2006. Astrocyte calcium elevations: properties, propagation, and effects on brain signaling. Glia. 54**,** 676-90.
Gadia, C.A., Tuchman, R., Rotta, N.T., 2004. [Autism and pervasive developmental disorders]. J Pediatr (Rio J). 80**,** S83-94.
Gibson, J.R., Bartley, A.F., Hays, S.A., Huber, K.M., 2008. Imbalance of neocortical excitation and inhibition and altered UP states reflect network hyperexcitability in the mouse model of fragile X syndrome. J Neurophysiol. 100**,** 2615-26.
Grigorenko, E.L., 2009. Pathogenesis of autism: a patchwork of genetic causes. Future Neurol. 4**,** 591-599.
Gustafsson, L., 1997. Inadequate cortical feature maps: a neural circuit theory of autism. Biol Psychiatry. 42**,** 1138-47.
Hagerman, R.J., Hagerman, P.J., 2002. The fragile X premutation: into the phenotypic fold. Curr Opin Genet Dev. 12**,** 278-83.
Ingram, J.L., Peckham, S.M., Tisdale, B., Rodier, P.M., 2000. Prenatal exposure of rats to valproic acid reproduces the cerebellar anomalies associated with autism. Neurotoxicol Teratol. 22**,** 319-24.
Issa, N.P., Trepel, C., Stryker, M.P., 2000. Spatial frequency maps in cat visual cortex. J Neurosci. 20**,** 8504-14.
Kim, K.K., Adelstein, R.S., Kawamoto, S., 2009. Identification of neuronal nuclei (NeuN) as Fox-3, a new member of the Fox-1 gene family of splicing factors. J Biol Chem. 284**,** 31052-61.
Lam, K.S., Aman, M.G., Arnold, L.E., 2006. Neurochemical correlates of autistic disorder: a review of the literature. Res Dev Disabil. 27**,** 254-89.
Laurence, J.A., Fatemi, S.H., 2005. Glial fibrillary acidic protein is elevated in superior frontal, parietal and cerebellar cortices of autistic subjects. Cerebellum. 4**,** 206-10.
Le Roux, N., Amar, M., Baux, G., Fossier, P., 2006. Homeostatic control of the excitation-inhibition balance in cortical layer 5 pyramidal neurons. Eur J Neurosci. 24**,** 3507-18.
Oblak, A., Gibbs, T.T., Blatt, G.J., 2009. Decreased GABAA receptors and benzodiazepine binding sites in the anterior cingulate cortex in autism. Autism Res. 2**,** 205-19.
Oblak, A.L., Gibbs, T.T., Blatt, G.J., 2010. Decreased GABA(B) receptors in the cingulate cortex and fusiform gyrus in autism. J Neurochem. 114**,** 1414-23.
Oblak, A.L., Rosene, D.L., Kemper, T.L., Bauman, M.L., Blatt, G.J., 2011. Altered posterior cingulate cortical cyctoarchitecture, but normal density of neurons and interneurons in the posterior cingulate cortex and fusiform gyrus in autism. Autism Res. 4**,** 200-11.
Owens, D.F., Kriegstein, A.R., 2002. Is there more to GABA than synaptic inhibition? Nat Rev Neurosci. 3**,** 715-27.
Pizzarelli, R., Cherubini, E., Alterations of GABAergic signaling in autism spectrum disorders. Neural Plast. 2011**,** 297153.
Rousse, I., Robitaille, R., 2006. Calcium signaling in Schwann cells at synaptic and extra-synaptic sites: active glial modulation of neuronal activity. Glia. 54**,** 691-9.
Rubenstein, J.L., Merzenich, M.M., 2003. Model of autism: increased ratio of excitation/inhibition in key neural systems. Genes Brain Behav. 2**,** 255-67.
Schneider, T., Przewlocki, R., 2005. Behavioral alterations in rats prenatally exposed to valproic acid: animal model of autism. Neuropsychopharmacology. 30**,** 80-9.
Schultz, R.T., 2005. Developmental deficits in social perception in autism: the role of the amygdala and fusiform face area. Int J Dev Neurosci. 23**,** 125-41.

Seldon, H.L., 1981. Structure of human auditory cortex. II. Axon distributions and morphological correlates of speech perception. Brain Res. 229**,** 295-310.
Volterra, A., Meldolesi, J., 2005. Astrocytes, from brain glue to communication elements: the revolution continues. Nat Rev Neurosci. 6**,** 626-40.
Wagener, R.J., David, C., Zhao, S., Haas, C.A., Staiger, J.F., 2010. The somatosensory cortex of reeler mutant mice shows absent layering but intact formation and behavioral activation of columnar somatotopic maps. J Neurosci. 30**,** 15700-9.
Woolsey, T.A., Van der Loos, H., 1970. The structural organization of layer IV in the somatosensory region (SI) of mouse cerebral cortex. The description of a cortical field composed of discrete cytoarchitectonic units. Brain Res. 17**,** 205-42.

Figure 1. Effect of prenatal exposure to valproic acid on columnar organization pattern, Neuronal morphology and NeuN distribution at layer II/III of the primary somatosensory area – barrel fields. Illustrative fluorescence micrographs of control (A-B) and VPA (C-D) groups. The inset in B and D illustrate differences in NeuN distribution (red, Alexa 546) between groups. Cellular nuclei are labeled with DAPI (blue) Scale Bar = 200 µm

Figure 2. Effect of prenatal exposure to valproic acid on columnar organization pattern, neuronal morphology and NeuN distribution at layer V of the primary somatosensory area – barrel fields. Illustrative fluorescence micrographs of control (A-B) and VPA (C-D) groups. The inset in B and D illustrate differences in NeuN distribution (red, Alexa 546) between groups. Cellular nuclei are labeled with DAPI (blue)Scale Bar = 200 µm.

Figure 3. Prenatal exposure to valproic acid: Analisis of NeuN+ and GABA+ cells at layer II/III of the primary somatosensory area – barrel fields. Illustrative fluorescence micrographs of control (A-B) and VPA (C-D) groups labeled for NeuN (A, D - red, Alexa 546) and GABA (B, E - green, Alexa 488). Fluorescence quantification of NeuN+ and GABA+ cells in control (C) and VPA (F) groups Statistical Analysis by Student's *t* test. Scale Bar = 200 µm.

Figure 4. Prenatal exposure to valproic acid: Analisis of NeuN+ and GABA+ cells at layer V of the primary somatosensory area – barrel fields. Illustrative fluorescence micrographs of control (A-B) and VPA (C-D) groups labeled for NeuN (A, D - red, Alexa 546) and GABA (B, E - green, Alexa 488). Fluorescence quantification of NeuN+ and GABA+ cells in control (C) and VPA (F) groups. Statistical Analysis by Student's *t* test, **p*= 0.0003. Scale Bar = 200 µm.

Figure 5. Effects of pranatal exposure to valproic acid in the number of GABAergic (GABA+) neurons on layer II/III of the primary somatosensory area – barrel fields. A and D, NeuN labeling (red, Alexa 546) in control and VPA groups, respectively. B and E, GABA labeling (green, Alexa

488) in control and VPA groups, respectively. C and F, merge. G, Number of GABAergic (GABA+) neurons. Statistical Analysis by Student's *t* test.

Figure 6. Effects of pranatal exposure to valproic acid in the number of GABAergic (GABA+) neurons on layer V of the primary somatosensory area – barrel fields. A and D, NeuN labeling (red, Alexa 546)) in control and VPA groups, respectively. B and E, GABA labeling (green, Alexa 488) in control and VPA groups, respectively. C and F, merge. G, Number of GABAergic (GABA+) neurons. Statistical Analysis by Student's *t* test, **p*=0.0184

Figure 7. Effect of prenatal exposure to valproic acid on total, neuronal and nonneuronal cells at layer II/III of the primary somatosensory area – barrel fields. A. Merge of ilustrative images NeuN labeling (red, Alexa 546) + DAPI labeling (blue) in control and VPA groups. B, Quantification of cell number. Statistical Analysis by Student's *t* test, **p*=0.0341. Scale Bar = 200 µm.

Figure 8. Effect of prenatal exposure to valproic acid on total, neuronal and nonneuronal cells at layer II/III of the primary somatosensory area – barrel fields. A. Merge of ilustrative images NeuN labeling (red, Alexa 546) + DAPI labeling (blue) in control and VPA groups. B, Quantification of cell number. Statistical Analysis by Student's *t* test, **p*=0.0007. Scale Bar = 200 µm.

Figure 9: The protein-protein interaction network of NeuN/Fox-3 using a search tool String 9.05. The yellow lines represent text mining evidences of possible targets to the protein of interest. Organism of interest: *Homo sapiens*. Red circles represent genes involved in inflammation and blue circles, genes involved in neuronal migration and differentiation. Table 1, Description of targets showed in figure 9.

Table 1

Targets for NeuN/Fox-3

Targets	Description	Actions
IBA1	Allograft inflammatory factor 1 (AIF-1) Ionized calcium-binding adapter molecule 1 (147 aa, gene position 2-147)	Play a role in RAC signaling and in phagocytosis and may be involved in macrophage activation and function. They also promote the proliferation of vascular smooth muscle cells and of T- lymphocytes, enhancing lymphocyte migration.
ENSG00000235588	Allograft inflammatory factor 1 (AIF-1) Ionized calcium-binding adapter molecule 1 (161 aa, gene position 14-161)	Play a role in RAC signaling and in phagocytosis and may be involved in macrophage activation and function. They also promote the proliferation of vascular smooth muscle cells and of T- lymphocytes, enhancing lymphocyte migration.
GFAP	Glial Fibrillary Acidic Protein; GFAP (a class-III intermediate filament)	a cell- specific marker that, during the development of the central nervous system, distinguishes astrocytes from other glial cells
DCX	Doublecortin	Required for initial steps of neuronal dispersion and cortex lamination during cortex development, competes with the putative neuronal protein kinase DCAMKL1 in binding to a target protein neuronal interaction before and during migration, calcium ion-dependent signal transduction pathway
TSPO	translocator protein (18kDa)	Responsible for the manifestation of peripheral-type benzodiazepine recognition sites and is most likely to comprise binding domains for benzodiazepines and isoquinoline carboxamides. It may play a role in the transport of porphyrins and heme. Plays a role in the transport of cholesterol across mitochondrial membranes in steroidogenic cells (By similarity)
CALB1	Calbindin 1, 28kDa;	Buffers cytosolic calcium. May stimulate a membrane Ca(2+)-ATPase and a 3',5'-cyclic nucleotide phosphodiesterase
NES	Nestin	traffick and distribution of Initiation Factors (IF) proteins and potentially other cellular factors to daughter cells during progenitor cell division (By similarity)
RBM45	RNA binding motif protein 45;	RNA-binding protein with binding specificity for poly(C). It may play an important role in neural development)
IQSEC3	IQ motif (commonly isoleucin and invariably glutamine) and Sec7 domain 3;	Acts as a guanine nucleotide exchange factor (GEF) for ARF1)
NKAIN1	Na+/K+ transporting ATPase interacting 1	

Figure 1

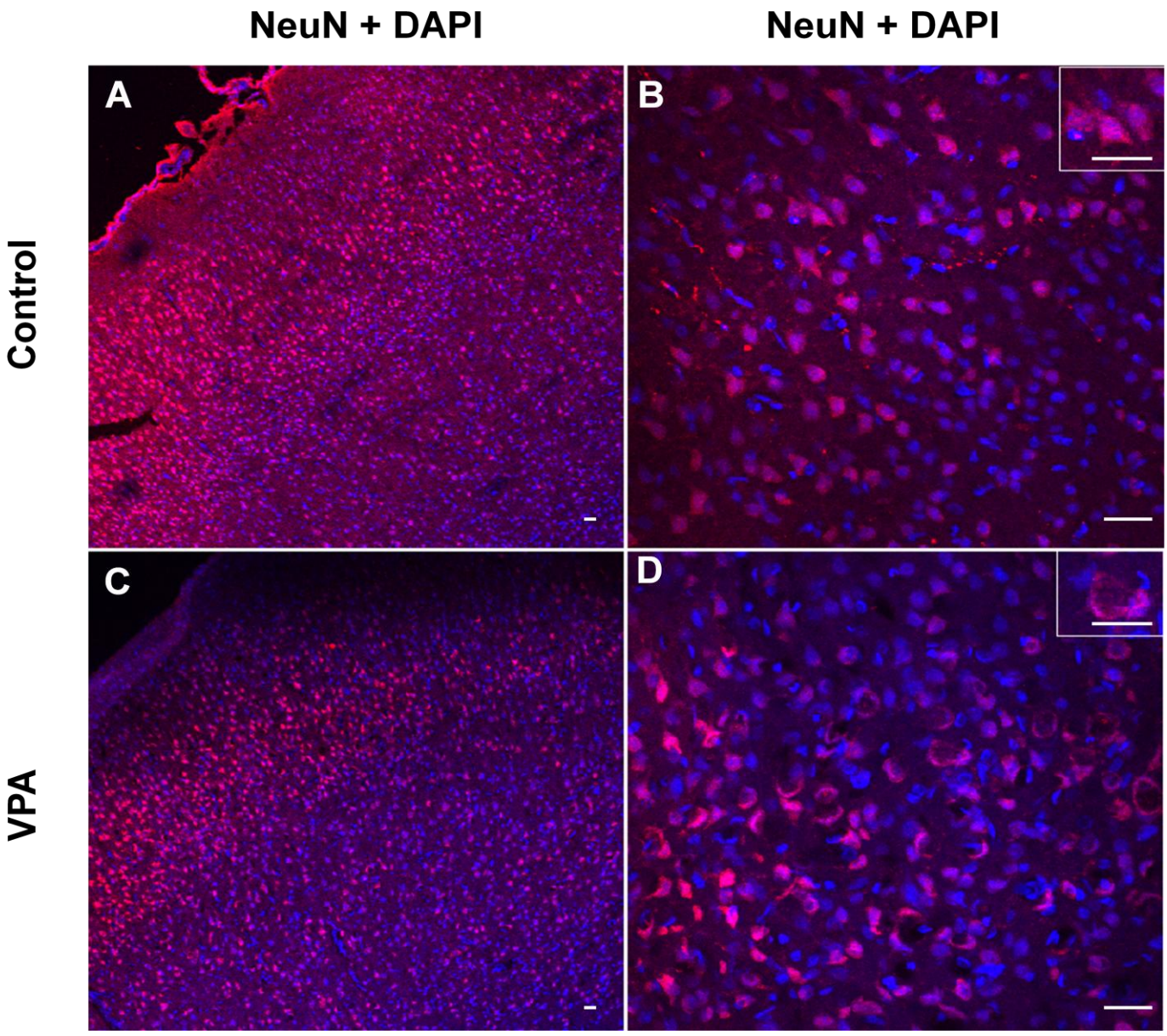


Figure 2

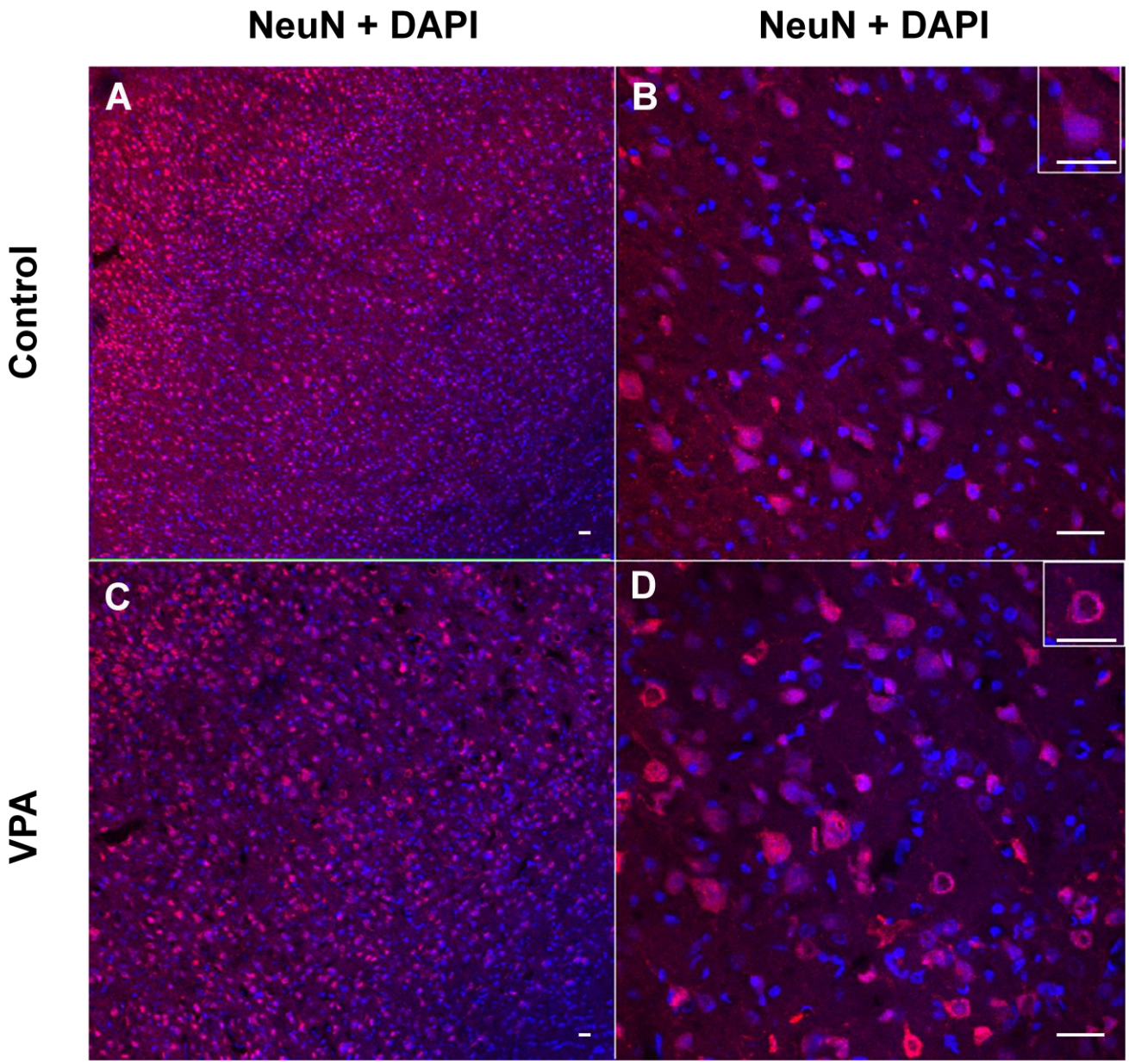


Figure 3

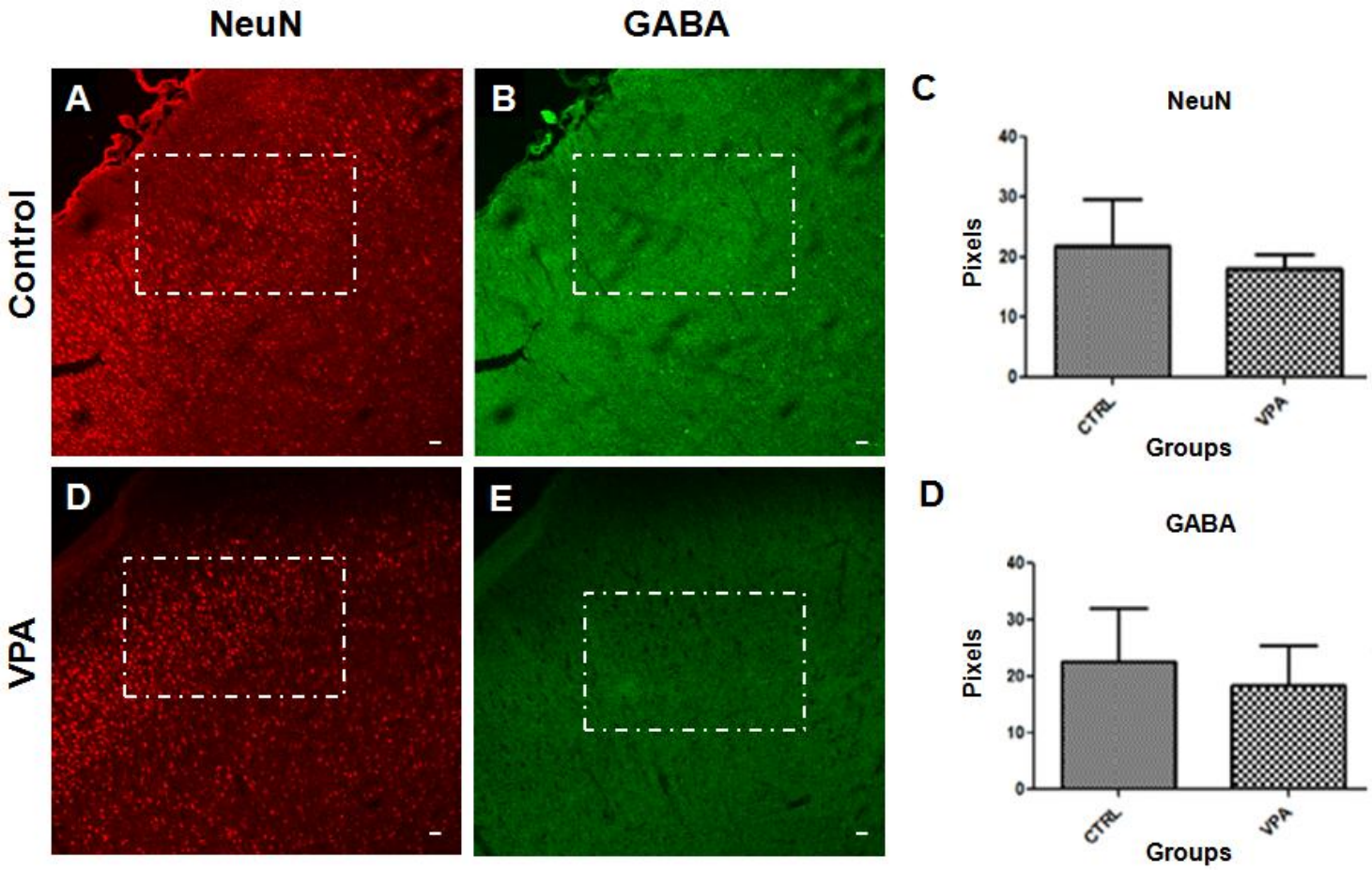

NeuN
GABA
Control
VPA
A
B
C
D
E
NeuN
Pixels
40
30
20
10
0
CTRL
VPA
Groups
D
GABA
Pixels
40
30
20
10
0
CTRL
VPA
Groups

Figure 4

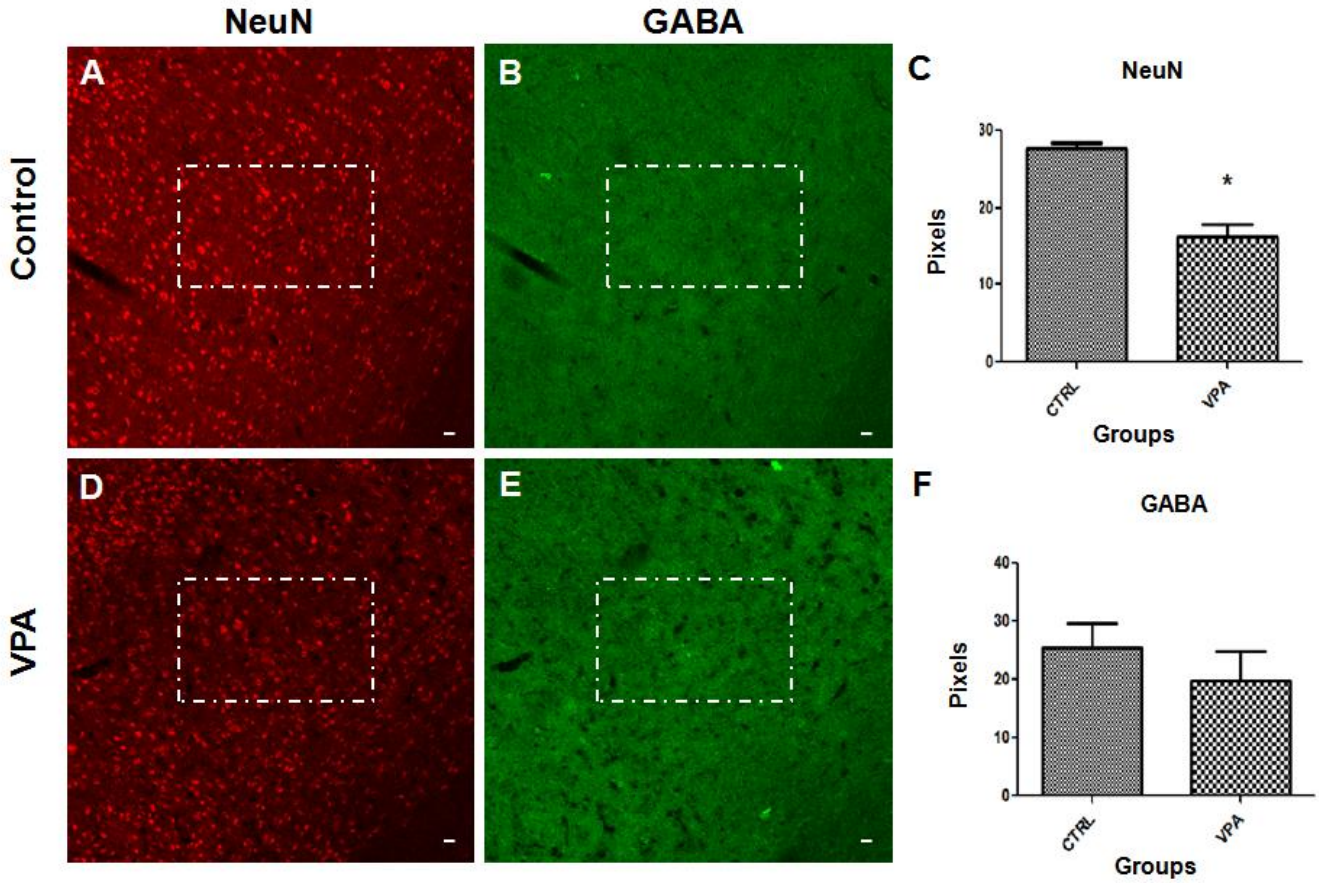
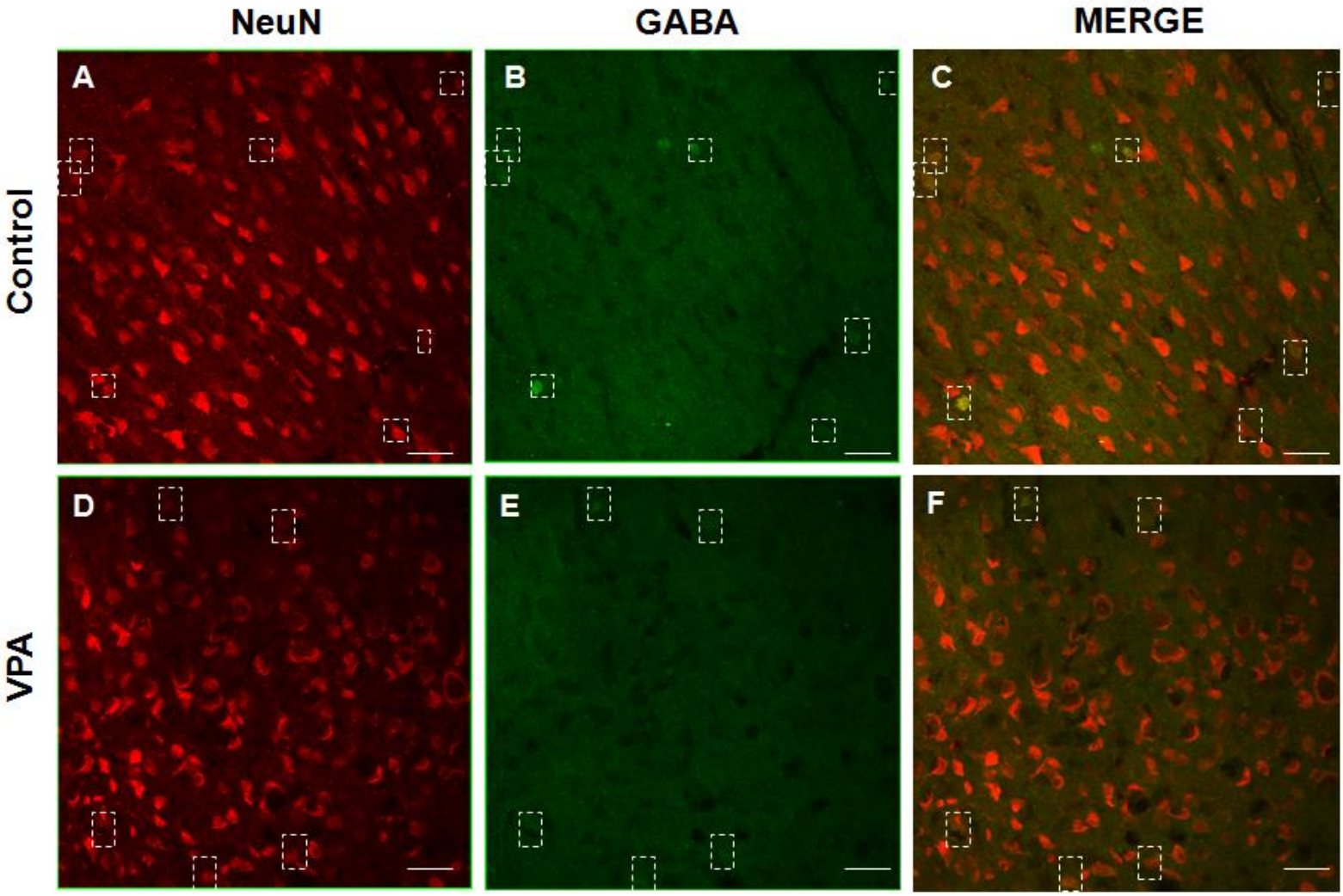

NeuN
GABA
A
B
C
Control
NeuN
Pixels
30
20
10
0
*
CTRL
VPA
Groups
D
E
F
VPA
GABA
Pixels
40
30
20
10
0
CTRL
VPA
Groups

Figure 5


NeuN
GABA
MERGE
Control
VPA
A
B
C
D
E
F

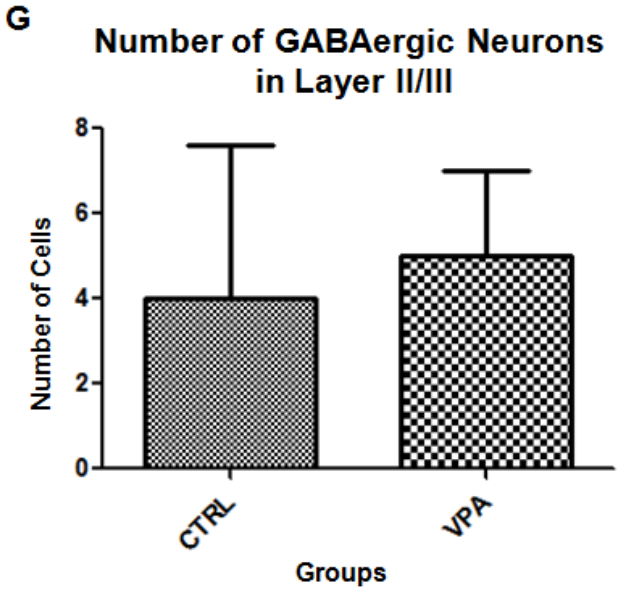
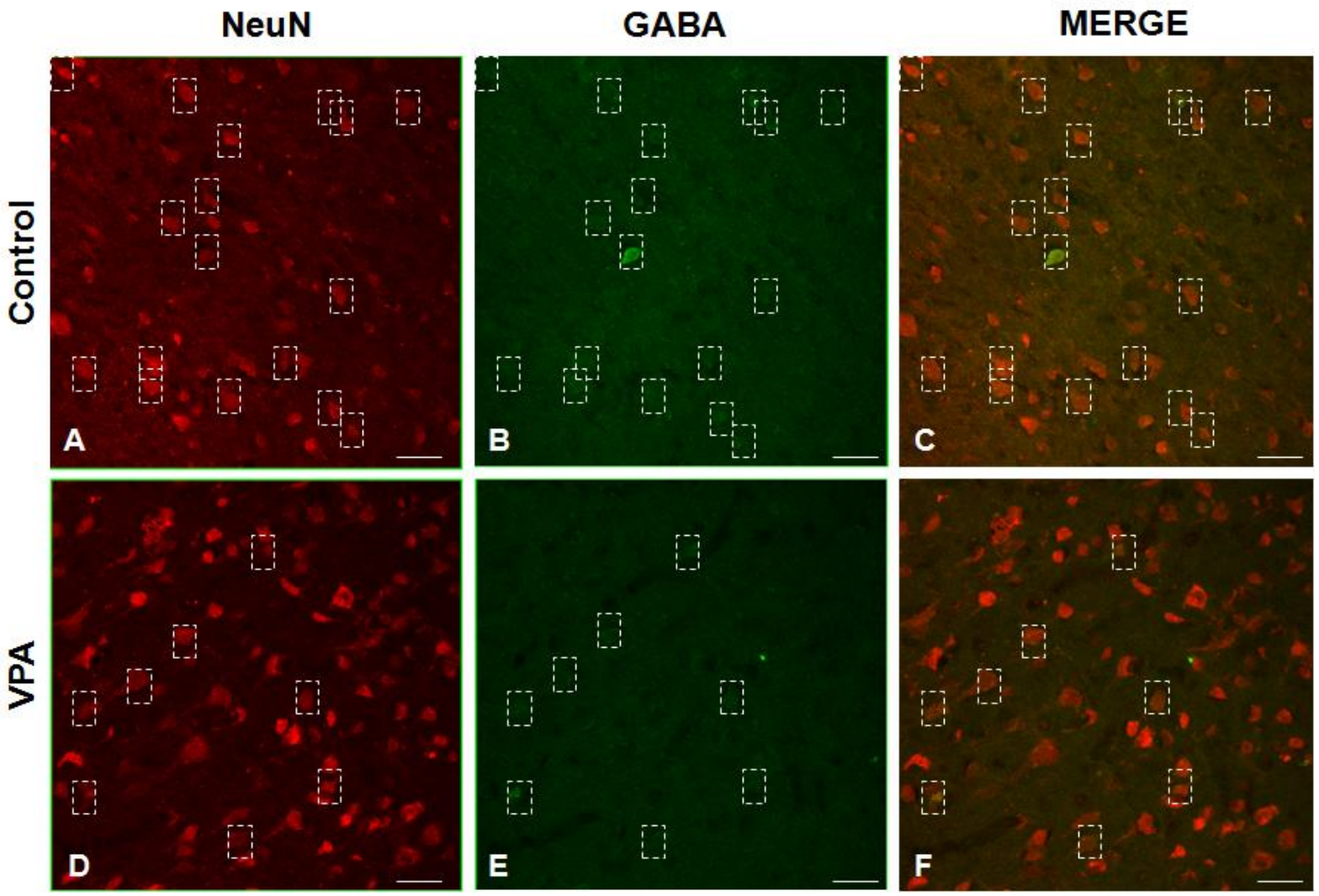

G
Number of GABAergic Neurons in Layer II/III
Number of Cells
0
2
4
6
8
CTRL
VPA
Groups

Figure 6


NeuN
GABA
MERGE
Control
VPA
A
B
C
D
E
F

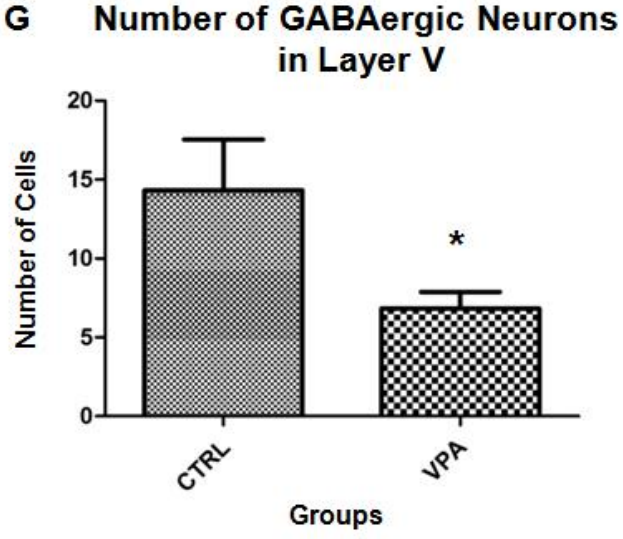

G
Number of GABAergic Neurons in Layer V
Number of Cells
20
15
10
5
0
*
CTRL
VPA
Groups

Figure 7

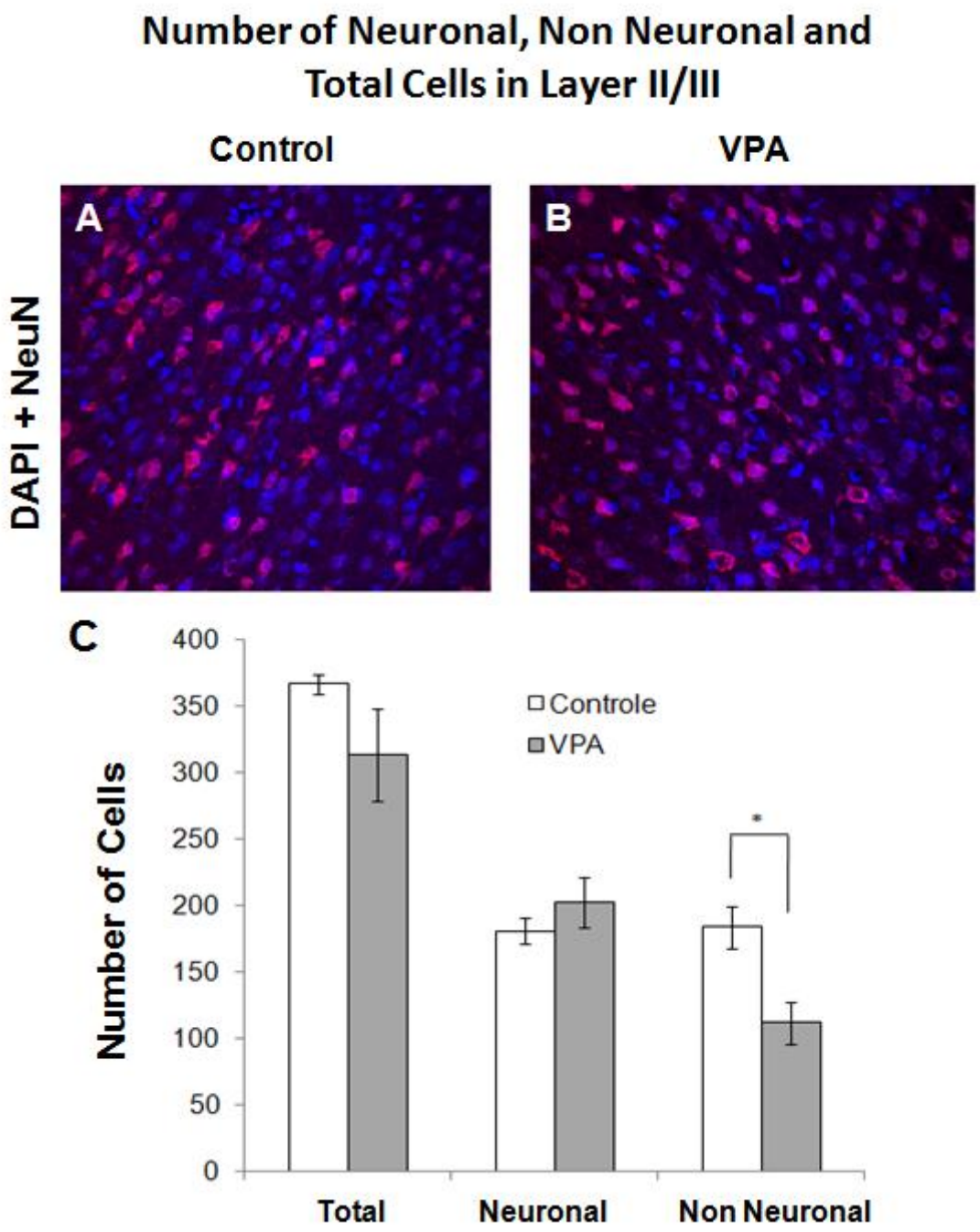

Number of Neuronal, Non Neuronal and Total Cells in Layer II/III
Control
VPA
DAPI + NeuN
A
B
C
Number of Cells
400
350
300
250
200
150
100
50
0
Controle
VPA
*
Total
Neuronal
Non Neuronal

Figure 8

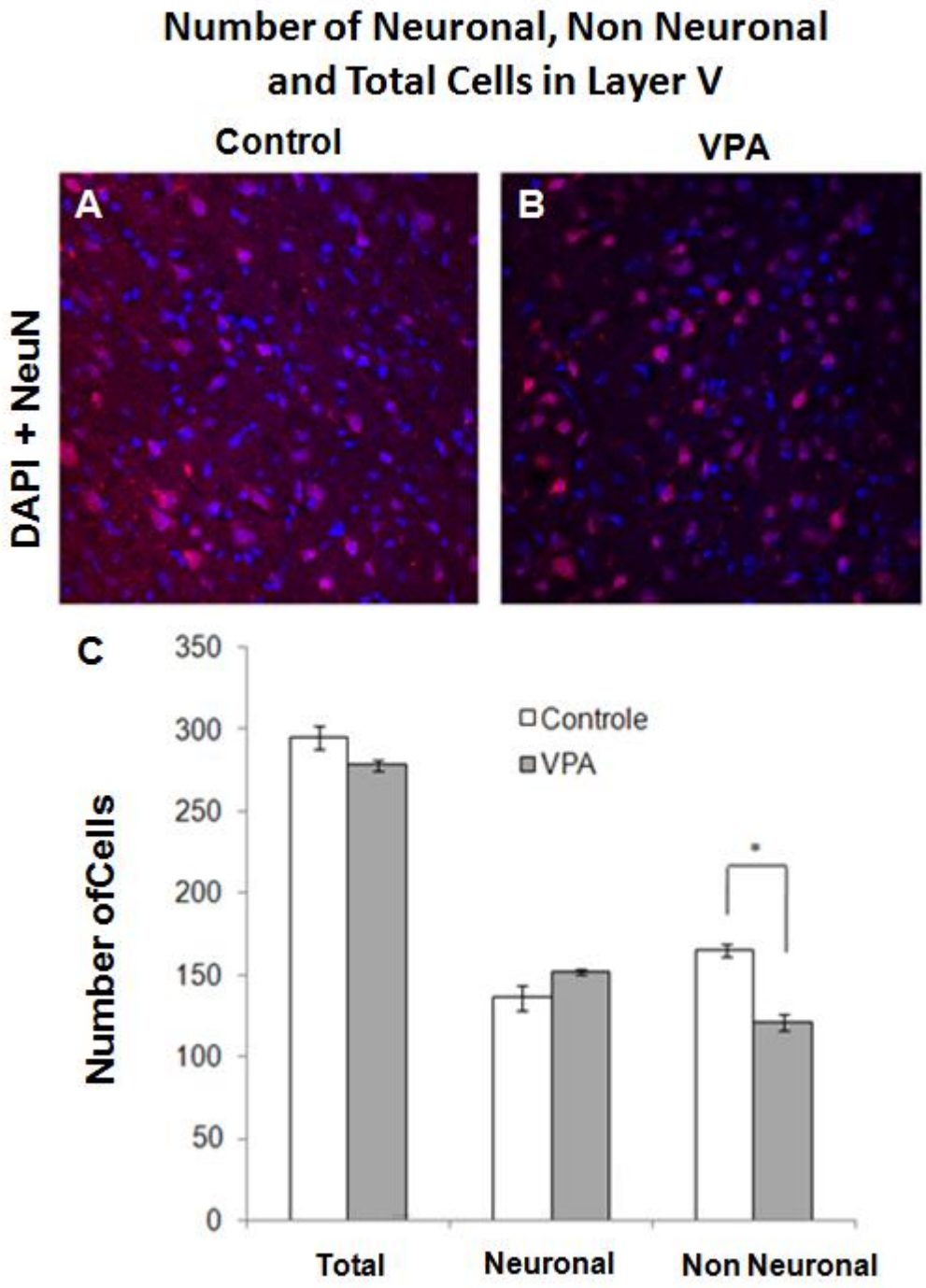
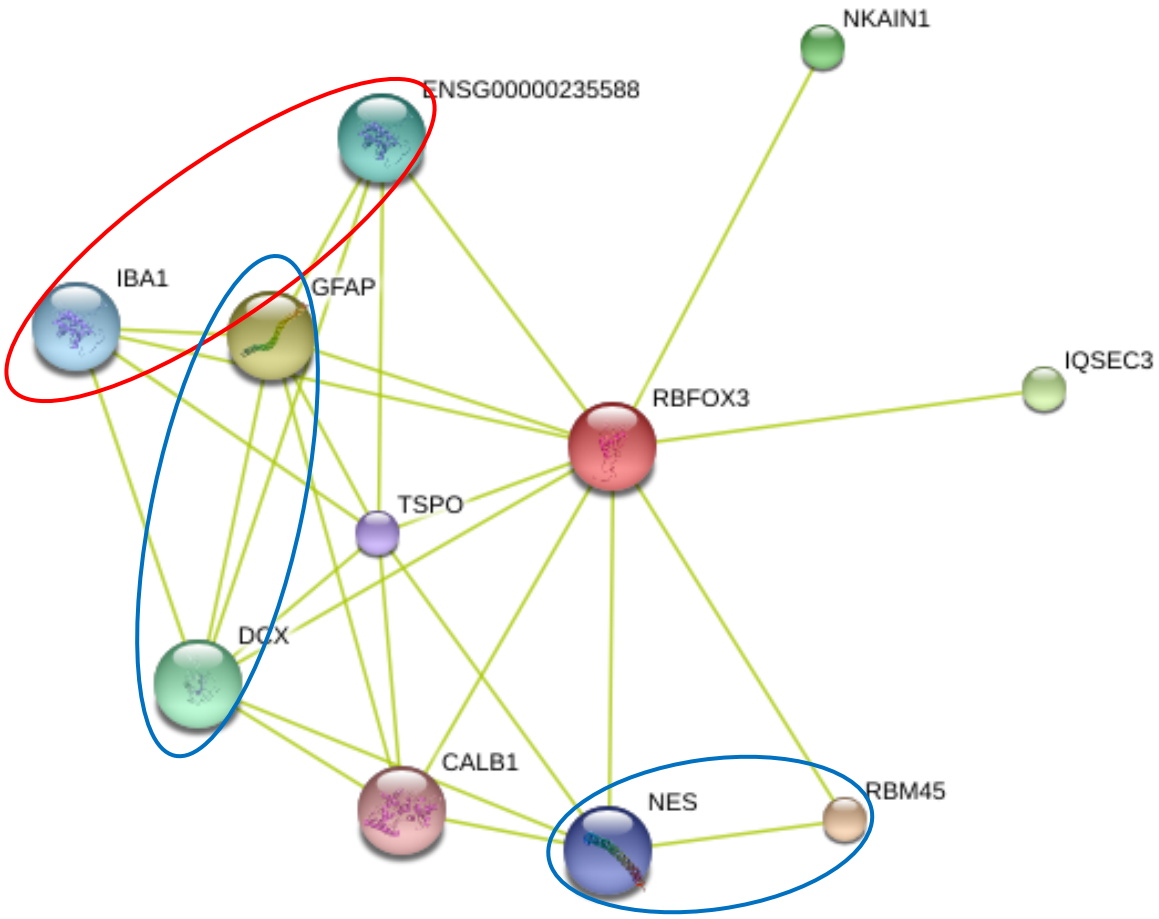

Number of Neuronal, Non Neuronal and Total Cells in Layer V
Control
VPA
A
B
DAPI + NeuN
C
Number ofCells
350
300
250
200
150
100
50
0
Controle
VPA
*
Total
Neuronal
Non Neuronal

Figure 9


NKAIN1
ENSG00000235588
IBA1
GFAP
IQSEC3
RBFOX3
TSPO
DCX
CALB1
NES
RBM45

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresenta uma hipótese para o desequilíbrio na excitação/inibição na área somatossensorial primária (região de campos em barril) em ratos expostos pré-natalmente ao ácido valpróico, dentro de um modelo animal reconhecido de autismo. Os resultados são exemplificados na figura abaixo:

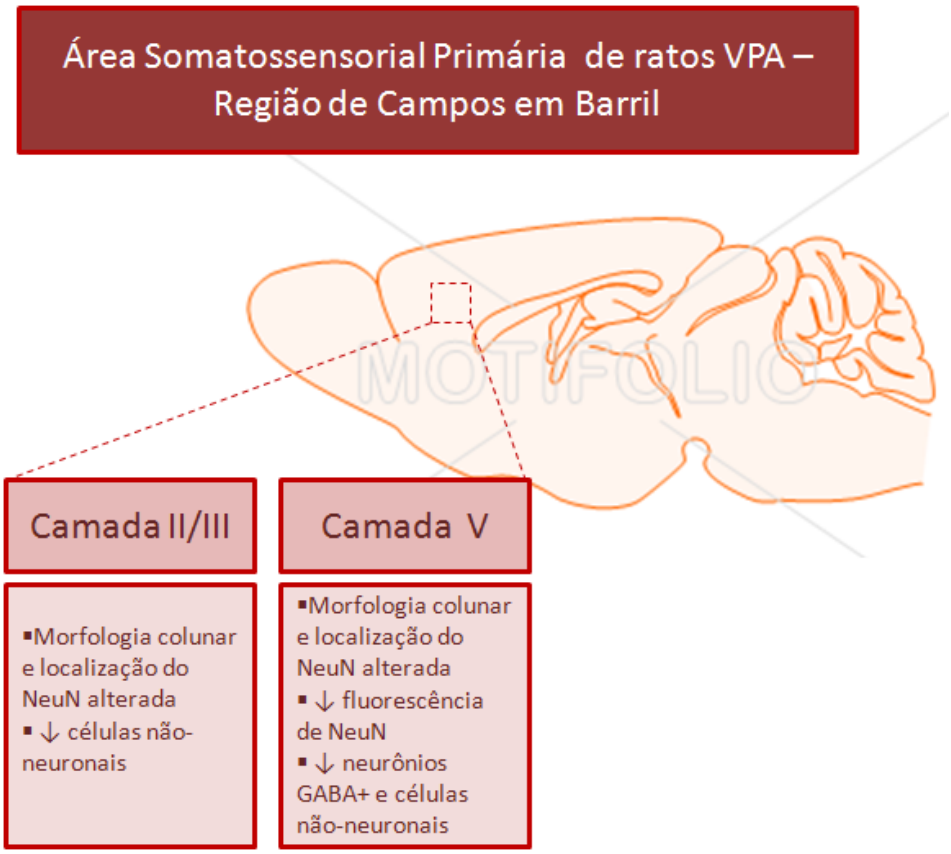


Figura 3: Resumo dos resultados de alterações em ratos expostos pré-natalmente ao ácido valpróico nas camadas II/III e V da área somatossensorial primária.

A disfunção GABAérgica possibilita alicerces para um estudo mais profundo das possíveis causas ou consequências do transtorno do espectro do autismo, podendo explicar porque existe uma hiperconectividade local dentro no córtex pré-frontal desses pacientes. Dados recentes comprovam a diminuição de parâmetros GABAérgicos em pacientes com autismo, como redução da expressão do RNA mensageiro de enzimas GAD65 e GAD67 (Fatemi et al., 2002) nos córtices parietal e cerebelar, também como a diminuição de neurônios GABAérgicos em modelos animais transgênicos

(Sgado et al., 2013), nas regiões do córtex cerebral e hipocampo. Este presente trabalho demonstra pela primeira vez a diminuição de neurônios GABAérgicos na área somatossensorial primária na região dos campos de barril na camada V do cortex, bem como a desorganização colunar em ratos expostos pré-natalmente ao ácido valpróico tanto na camada II/III quanto na camada V. O menor número de neurônios GABAérgios encontrado na camada V pode ser decorrente da desorganização colunar nessa região, possibilitando a relação com componentes-chave do autismo na região somatossensorial primária, uma vez que a hipersensibilidade a estímulos sensoriais está presente no autismo. Embora a quantidade de neurônios GABAérgicos para a camada II/III no grupo VPA não foisignificativamente diferente do grupo controle, houve uma tendência para uma redução, necessitando, portanto, de uma maior amostragem para confirmar ou descartar uma diferença.

Anormalidades estruturais e funcionais de interneurônios GABAérgicos podem representar um substrato/produto anatômico do desequilíbrio excitatório/inibitório no córtex cerebral e em outras regiões encefálicas de um paciente com autismo (Rubenstein and Merzenich, 2003). A maturação dos circuitos GABAérgicos, quando prejudicada, apresenta funções imaturas no córtex cerebral que permanece mais plástico e sensível a alterações de *inputs* sensoriais (Di Cristo, 2007; Hensch, 2005). Um córtex mais excitável (ou menos inibido) possui, por sua natureza, uma diferenciação funcional mais precária (Merzenich, 2001; Merzenich, 1999), levando a anormalidades de percepção, de memória, de cognição e do controle motor. Ainda, alguns pesquisadores acreditam que o córtex de pacientes com autismo possui uma hiperexcitabilidade, levando a instabilidade e susceptibilidade à epilepsia (Rubenstein and Merzenich, 2003).

Evidências apontam que a supressão da inibição GABAérgica é um componente comum no encéfalo de paciente com autismo (Hussman, 2001). Essa redução da inibição poderia ser exacerbada por um controle modulatório anormal de processos de aprendizagem e memória, que permitiriam e regulariam uma diferenciação progressiva normal e a elaboração de processamento da informaçãono encéfalo em desenvolvimento, uma vez que a diferenciação progressiva funcional permite um processamento refinado e, por

tanto, a redução do ruído encefálico (Merzenich, 2001; Merzenich, 1998a; Merzenich, 1999; Merzenich, 1998b). Além disso, esses desbalanços podem ser amplificados por maturação atrasada de sinapses ou mielinização anormal (Merzenich, 2001). Esses dois processos contribuem de maneira crucialpara o desenvolvimento de redes e sistemas neurais notelencéfalo e no aprimoramento da sinalização celular, diminuindo o ruído cortical (Merzenich, 2001). Dessa forma, nossos resultados corroboram com a hipótese de desequilíbrio GABAérgico primário, devido a grande contribuição que a neurotransmissão inibitória proporciona para a migração e diferenciação neuronal, maturação sináptica e controle do tamanho e organização das minicolunas (DeFelipe et al., 1986; Owens and Kriegstein, 2002; Pizzarelli and Cherubini), fatores estes presentes de forma alterada no transtorno do espectro do autismo. Esses dados indicam, portanto, o componente forte que este sistema representa dentro deste contexto, podendo ser um indicativo de possível indutor da desorganização colunar encontrada em córtices de animais expostos pré-natalmente ao ácido valproico.

Anormalidades GABAérgicas são encontradas em doençascomo a esclerose tuberosa e a síndrome do X frágil, as quais apresentam uma alta incidência de autismo associado. Um desbalanço entre excitação e inibição foi encontrada em indivíduos com esclerose tuberosa, uma condição genética multisistêmica que exibe uma variedade de desordens neurológicas, como a epilepsia e desordens do tipo autista (Curatolo et al., 2008). A perda de função GABAérgica, responsável pela hiperexcitabilidade observada em modelos animais da Síndrome do X Frágil é um componente comum causador de retardo mental, com déficits na linguagem, hiperatividade, comportamentos do tipo autista e convulsões (Selby et al., 2007). A possível alteração da taxa entre sinapses excitatórios e inibitórias durante um período critico, como a exposição ao dia pré-natal 12,5 do modelo animal de autismo, pode determinar um desenvolvimento disfuncional de circuitos neurogliais, sendo um possível causador dos sintomas mais característicos do autismo.

É importante ressaltar que a ocitocina possui um papel muito interessante e fundamental dentro do encéfalo fetal durante o parto. Estudos revelam que esta molécula está envolvida no *switch* ou alteração do sentido do

canal de ânios cloreto em receptores GABAérgicos. Durante o desenvolvimento, esses canais, quando ativados, realizam predominantemente despolarização. Essa alteração no sentido de fluxo do receptor, realizada pela ocitocina durante o parto, muda de efluxo de cloretos para influxo, levando ao fenótipo de hiperpolarização, encontrado em neurônios GABAérgicos maduros no encéfalo de indivíduos neurotípicos (Khazipov et al., 2008). Estudos relatam importantes contribuições da ocitocina em interações sociais (Meyer-Lindenberg et al.), podendo ser um fator importante de estudo para alterações GABAérgicas, ainda no desenvolvimento, que podem perdurar até a fase adulta no modelo animal e no autismo.

O crescente avanço no conhecimento de funções desempenhadas pelas células gliais indicam que estas células atuam como elemento-chave no autismo, incluindodisfunções na neurotransmissão ou no próprio ambiente encefálico de sua complexa fisiopatologia.

Estudos *post mortem* indicam níveis maiores de GFAP, a principal proteína de filamentos intermediários de astrócitos maduros,em tecido encefálico decórtexfrontal, parietal e cerebelar de pacientes com autismo, levando a hipótese de que, nessa condição esteja ocorrendoastrogliose reativa e dano ao tecido encefálico (Laurence and Fatemi, 2005). Evidências de ativação glial e neuroinflamação no encéfalo, através do aumento na imunoreatividade de GFAP e níveis elevados de citocinas MCP-1 e TGFB1 foram encontrados no cerebelo, giro do cíngulo e médio-frontal córtex dos mesmos (Vargas et al., 2005). Outros dois marcadores astrocíticos foram pesquisados em amostras detecido encefálico obtidas de necropsias de pacientes com autismo, encontrandoum aumento da expressão da conexina 43 no córtex frontal superior e diminuição da aquaporina 4 no cerebelo(Fatemi et al., 2008).

Dentro do modelo animal de autismo, análises por ELISA, realizadas por nosso grupo, das amostras encefálicas pós-natais de 15 dias de grupos controle e VPA em consonância com a astrogliose reativa encontrada em pacientes, demonstram aumento 58%,(em ng/µg de proteínas) no conteúdo deGFAP (p = 0.002), bem como o conteúdo da proteína S100B, com um

aumento de 88% (em ng/µg de proteínas), ambas marcadoras de ativação astrocítica e astrogliose reativa. Estudos *in vitro* mostram que um aumento de S100B a nível micromolecular pode levar a uma resposta pró-inflamatória e apoptótica sobre neurônios, corroborando a hipótese da astrogliose reativa no autismo, podendoagravar o quadro inflamatório no tecido encefálico.

Sendo caracterizada como uma célula derivada de linhagem mielóide residente no parênquima do sistema nervoso central, a microglia constitui um componente chave e único na composição celular do encéfalo (Ransohoff and Cardona, 2010). A significância funcional da microglia como foco de estudo tem crescido nos últimos 20 anos, procurando-se entender seus inúmeros papéis no desenvolvimento do sistema nervoso central (Streit, 2001) e na resposta imunitária em condições de infecção e injuria (Perry et al., 2010). A microglia, ainda, possui diversos estados em que pode ser encontrada no ambiente encefálico: 1) o estado vigilante, envolvendo um monitoramento dinâmico do status funcional, manutenção e *turn over* das sinapses, com uma grande mobilidade de seus processos, realizando eventos do tipo *screening* do ambiente (Elkabes et al., 1996; Harada et al., 2002), 2) o estado ativo, quando existe algum dano no tecido e essa célula passa a apresentar um fenótipo inflamatório ou clássico, reduzindo a proliferação celular e assumindo forma fagocítica, com retração de processos celulares. Ainda, existe um estado deativação alternativo, onde a microglia apresentau um fenótipo anti-inflamatório, aumentando a expressão de IL-10, TGF-β, BDNF e NGF (Kohman and Rhodes, 2012). Estudos indicam que a microglia pode ser regulada pelo balanço entre a excitação e inibição no sistema nervoso central. Nossos resultados no modelo animal de autismo indicam que uma disfunção GABAérgica, produzindo um balanço positivo entre a taxa excitação/inibição, pode estar envolvidos na ativação microglial, verificada em estudos *post mortem*(Vargas et al., 2005). Uma vez que existem evidências do aumento nos níveis de citocinas pró-inflamatórias no líquor (Chez et al., 2007) e no tecido encefálico (Li et al., 2009), esses dados fortificam a hipótese da participação glial na fisiopatologia do autismo.

Existem poucos estudos relacionando oligodendrócitos e autismo. Estudos demosntram uma relação entre prejuízos maturacionais e funcionais

em encéfalos de murinos expressando a proteína *Fmr1*(*Fragile x Mental Retardation Protein*) de células precursoras de oligodendrócitos no cerebelo, induzindo uma mielinização atrasada (Pacey et al.). Sendo uma região rica em neurônios GABAérgicos (Células de Purkinje), esse achado pode lançar idéias para possíveis prejuízos nesses tipos celulares, podendo estar envolvida com a neurotransmissão GABAérgica, uma vez que correntes inibitórias estão alteradas no autismo (Banerjee et al., 2012; Ingram et al., 2000).

Estudos posteriores serão realizados para avaliar a contribuição dessas células e vias no contexto etiológio e fisiopatológico, possibilitando estratégicas clínicas para aprimoraro direcionamento farmacológico no autismo, bem como na compreensão do envolvimento dessas células no desenvolvimento e maturação neuronal em desordens neurogliais.

5. PERSPECTIVAS

- Avaliar, pela técnica de coloração por DiI, espinhos dendríticos na área somatossensorial primária e outras regiões envolvidas no autismo, utilizando os encéfalos dos animais utilizados para este trabalho;

- Avaliar o sistema GABAérgico em outras regiões encefálicas conhecidas alteradas no Transtorno do Espectro do Autismo;

- Avaliar o sistema GABAérgico no Sistema Nervoso Entérico de ratos do modelo animal de autismo;

- Quantificar receptores GABA-A e GABA-B em encéfalos de ratos do modelo animal de autismo;

- Dosar e quantificar derivados de Adenosina e ATP/Adenosina, além da expressão de receptores purignérgicos, analisando esta via na ativação microglial;

- Analisar possíveis microRNA envolvidos no desenvolvimento neuronal e na modulação de vias excitatórias e inibitórias, bem como na regulação do NeuN;

- Avaliar a contribuição do NeuN no neurodesenvolvimento em idades pré-natais e pós-natais em ratos do modelo animal de autismo;

6. REFERÊNCIAS ADICIONAIS

Aldinger, K. A., Kogan, J., Kimonis, V. et al. (2012) Cerebellar and posterior fossa malformations in patients with autism-associated chromosome 22q13 terminal deletion. *Am J Med Genet A,* **161A,** 131-136.

Ascoli, G. A., Alonso-Nanclares, L., Anderson, S. A. et al. (2008) Petilla terminology: nomenclature of features of GABAergic interneurons of the cerebral cortex. *Nat Rev Neurosci,* **9,** 557-568.

Bambini-Junior, V., Rodrigues, L., Behr, G. A., Moreira, J. C., Riesgo, R. and Gottfried, C. Animal model of autism induced by prenatal exposure to valproate: behavioral changes and liver parameters. *Brain Res,* **1408,** 8-16.

Banerjee, A., Garcia-Oscos, F., Roychowdhury, S., Galindo, L. C., Hall, S., Kilgard, M. P. and Atzori, M. (2012) Impairment of cortical GABAergic synaptic transmission in an environmental rat model of autism. *Int J Neuropsychopharmacol,* **16,** 1309-1318.

Barinka, F., Druga, R., Marusic, P., Krsek, P. and Zamecnik, J. Calretinin immunoreactivity in focal cortical dysplasias and in non-malformed epileptic cortex. *Epilepsy Res,* **88,** 76-86.

Baron-Cohen, S. (2002) The extreme male brain theory of autism. *Trends Cogn Sci,* **6,** 248-254.

Bauman, M. L. (2010) Medical comorbidities in autism: challenges to diagnosis and treatment. *Neurotherapeutics,* **7,** 320-327.

Beierlein, M., Gibson, J. R. and Connors, B. W. (2003) Two dynamically distinct inhibitory networks in layer 4 of the neocortex. *J Neurophysiol,* **90,** 2987-3000.

Ben-Sasson, A., Hen, L., Fluss, R., Cermak, S. A., Engel-Yeger, B. and Gal, E. (2009) A meta-analysis of sensory modulation symptoms in individuals with autism spectrum disorders. *J Autism Dev Disord,* **39,** 1-11.

Buldyrev, S. V., Cruz, L., Gomez-Isla, T., Gomez-Tortosa, E., Havlin, S., Le, R., Stanley, H. E., Urbanc, B. and Hyman, B. T. (2000) Description of microcolumnar ensembles in association cortex and their disruption in Alzheimer and Lewy body dementias. *Proc Natl Acad Sci U S A,* **97,** 5039-5043.

Buxhoeveden, D. P. and Casanova, M. F. (2002) The minicolumn hypothesis in neuroscience. *Brain,* **125,** 935-951.

Cardin, J. A., Carlen, M., Meletis, K., Knoblich, U., Zhang, F., Deisseroth, K., Tsai, L. H. and Moore, C. I. (2009) Driving fast-spiking cells induces gamma rhythm and controls sensory responses. *Nature,* **459,** 663-667.

Casanova, M. and Trippe, J. (2009) Radial cytoarchitecture and patterns of cortical connectivity in autism. *Philos Trans R Soc Lond B Biol Sci,* **364,** 1433-1436.

Casanova, M. F. (2007) The neuropathology of autism. *Brain Pathol,* **17,** 422-433.

Casanova, M. F., Buxhoeveden, D. and Gomez, J. (2003) Disruption in the inhibitory architecture of the cell minicolumn: implications for autism. *Neuroscientist,* **9,** 496-507.

Casanova, M. F., Buxhoeveden, D. P. and Brown, C. (2002a) Clinical and macroscopic correlates of minicolumnar pathology in autism. *J Child Neurol,* **17,** 692-695.

Casanova, M. F., Buxhoeveden, D. P., Switala, A. E. and Roy, E. (2002b) Asperger's syndrome and cortical neuropathology. *J Child Neurol,* **17,** 142-145.

Casanova, M. F., Buxhoeveden, D. P., Switala, A. E. and Roy, E. (2002c) Minicolumnar pathology in autism. *Neurology,* **58,** 428-432.

Casanova, M. F., de Zeeuw, L., Switala, A., Kreczmanski, P., Korr, H., Ulfig, N., Heinsen, H., Steinbusch, H. W. and Schmitz, C. (2005) Mean cell spacing

abnormalities in the neocortex of patients with schizophrenia. *Psychiatry Res,* **133,** 1-12.
Casanova, M. F., Konkachbaev, A. I., Switala, A. E. and Elmaghraby, A. S. (2008a) Recursive trace line method for detecting myelinated bundles: a comparison study with pyramidal cell arrays. *J Neurosci Methods,* **168,** 367-372.
Casanova, M. F., Kreczmanski, P., Trippe, J., 2nd, Switala, A., Heinsen, H., Steinbusch, H. W. and Schmitz, C. (2008b) Neuronal distribution in the neocortex of schizophrenic patients. *Psychiatry Res,* **158,** 267-277.
Casanova, M. F., Trippe, J., 2nd, Tillquist, C. and Switala, A. E. (2009) Morphometric variability of minicolumns in the striate cortex of Homo sapiens, Macaca mulatta, and Pan troglodytes. *J Anat,* **214,** 226-234.
Chao, H. T., Chen, H., Samaco, R. C. et al. Dysfunction in GABA signalling mediates autism-like stereotypies and Rett syndrome phenotypes. *Nature,* **468,** 263-269.
Chez, M. G., Dowling, T., Patel, P. B., Khanna, P. and Kominsky, M. (2007) Elevation of tumor necrosis factor-alpha in cerebrospinal fluid of autistic children. *Pediatr Neurol,* **36,** 361-365.
Chomiak, T. and Hu, B. (2012) Alterations of neocortical development and maturation in autism: insight from valproic acid exposure and animal models of autism. *Neurotoxicol Teratol,* **36,** 57-66.
Chugani, D. C. (2012) Neuroimaging and neurochemistry of autism. *Pediatr Clin North Am,* **59,** 63-73, x.
Coghlan, S., Horder, J., Inkster, B., Mendez, M. A., Murphy, D. G. and Nutt, D. J. (2012) GABA system dysfunction in autism and related disorders: from synapse to symptoms. *Neurosci Biobehav Rev,* **36,** 2044-2055.
Cossart, R., Dinocourt, C., Hirsch, J. C., Merchan-Perez, A., De Felipe, J., Ben-Ari, Y., Esclapez, M. and Bernard, C. (2001) Dendritic but not somatic GABAergic inhibition is decreased in experimental epilepsy. *Nat Neurosci,* **4,** 52-62.
Courchesne, E., Mouton, P. R., Calhoun, M. E., Semendeferi, K., Ahrens-Barbeau, C., Hallet, M. J., Barnes, C. C. and Pierce, K. (2001) Neuron number and size in prefrontal cortex of children with autism. *JAMA,* **306,** 2001-2010.
Courchesne, E. and Pierce, K. (2005) Why the frontal cortex in autism might be talking only to itself: local over-connectivity but long-distance disconnection. *Curr Opin Neurobiol,* **15,** 225-230.
Critchley, H. D., Daly, E. M., Bullmore, E. T. et al. (2000) The functional neuroanatomy of social behaviour: changes in cerebral blood flow when people with autistic disorder process facial expressions. *Brain,* **123 (Pt 11),** 2203-2212.
Curatolo, P., Bombardieri, R. and Jozwiak, S. (2008) Tuberous sclerosis. *Lancet,* **372,** 657-668.
Dalton, K. M., Nacewicz, B. M., Alexander, A. L. and Davidson, R. J. (2007) Gaze-fixation, brain activation, and amygdala volume in unaffected siblings of individuals with autism. *Biol Psychiatry,* **61,** 512-520.
Dapretto, M., Davies, M. S., Pfeifer, J. H., Scott, A. A., Sigman, M., Bookheimer, S. Y. and Iacoboni, M. (2006) Understanding emotions in others: mirror neuron dysfunction in children with autism spectrum disorders. *Nat Neurosci,* **9,** 28-30.
DeFelipe, J. (1997) Types of neurons, synaptic connections and chemical characteristics of cells immunoreactive for calbindin-D28K, parvalbumin and calretinin in the neocortex. *J Chem Neuroanat,* **14,** 1-19.
DeFelipe, J., Alonso-Nanclares, L. and Arellano, J. I. (2002) Microstructure of the neocortex: comparative aspects. *J Neurocytol,* **31,** 299-316.
Defelipe, J., Gonzalez-Albo, M. C., Del Rio, M. R. and Elston, G. N. (1999) Distribution and patterns of connectivity of interneurons containing calbindin, calretinin, and parvalbumin in visual areas of the occipital and temporal lobes of the macaque monkey. *J Comp Neurol,* **412,** 515-526.

DeFelipe, J., Hendry, S. H. and Jones, E. G. (1986) A correlative electron microscopic study of basket cells and large GABAergic neurons in the monkey sensory-motor cortex. *Neuroscience,* **17,** 991-1009.

DeFelipe, J., Hendry, S. H. and Jones, E. G. (1989) Synapses of double bouquet cells in monkey cerebral cortex visualized by calbindin immunoreactivity. *Brain Res,* **503,** 49-54.

Di Rosa, E., Crow, T. J., Walker, M. A., Black, G. and Chance, S. A. (2009) Reduced neuron density, enlarged minicolumn spacing and altered ageing effects in fusiform cortex in schizophrenia. *Psychiatry Res,* **166,** 102-115.

DiCicco-Bloom, E., Lord, C., Zwaigenbaum, L., Courchesne, E., Dager, S. R., Schmitz, C., Schultz, R. T., Crawley, J. and Young, L. J. (2006) The developmental neurobiology of autism spectrum disorder. *J Neurosci,* **26,** 6897-6906.

Dover, C. J. and Le Couteur, A. (2007) How to diagnose autism. *Arch Dis Child,* **92,** 540-545.

Duchan, E. and Patel, D. R. (2012) Epidemiology of autism spectrum disorders. *Pediatr Clin North Am,* **59,** 27-43, ix-x.

Durand, C. M., Perroy, J., Loll, F., Perrais, D., Fagni, L., Bourgeron, T., Montcouquiol, M. and Sans, N. (2011) SHANK3 mutations identified in autism lead to modification of dendritic spine morphology via an actin-dependent mechanism. *Mol Psychiatry,* **17,** 71-84.

Elkabes, S., DiCicco-Bloom, E. M. and Black, I. B. (1996) Brain microglia/macrophages express neurotrophins that selectively regulate microglial proliferation and function. *J Neurosci,* **16,** 2508-2521.

Essa, M. M., Braidy, N., Vijayan, K. R., Subash, S. and Guillemin, G. J. (2012) Excitotoxicity in the pathogenesis of autism. *Neurotox Res,* **23,** 393-400.

Falkmer, T., Anderson, K., Falkmer, M. and Horlin, C. (2013) Diagnostic procedures in autism spectrum disorders: a systematic literature review. *Eur Child Adolesc Psychiatry,* **22,** 329-340.

Farrant, M. and Nusser, Z. (2005) Variations on an inhibitory theme: phasic and tonic activation of GABA(A) receptors. *Nat Rev Neurosci,* **6,** 215-229.

Fatemi, S. H., Folsom, T. D., Reutiman, T. J. and Lee, S. (2008) Expression of astrocytic markers aquaporin 4 and connexin 43 is altered in brains of subjects with autism. *Synapse,* **62,** 501-507.

Fatemi, S. H., Halt, A. R., Stary, J. M., Kanodia, R., Schulz, S. C. and Realmuto, G. R. (2002) Glutamic acid decarboxylase 65 and 67 kDa proteins are reduced in autistic parietal and cerebellar cortices. *Biol Psychiatry,* **52,** 805-810.

Fombonne, E. (1999) The epidemiology of autism: a review. *Psychol Med,* **29,** 769-786.

Fombonne, E. (2003) The prevalence of autism. *JAMA,* **289,** 87-89.

Fombonne, E. (2008) Thimerosal disappears but autism remains. *Arch Gen Psychiatry,* **65,** 15-16.

Fombonne, E. (2009) Epidemiology of pervasive developmental disorders. *Pediatr Res,* **65,** 591-598.

Fritschy, J. M. and Brunig, I. (2003) Formation and plasticity of GABAergic synapses: physiological mechanisms and pathophysiological implications. *Pharmacol Ther,* **98,** 299-323.

Gadia, C. A., Tuchman, R. and Rotta, N. T. (2004) [Autism and pervasive developmental disorders]. *J Pediatr (Rio J),* **80,** S83-94.

Gardener, H., Spiegelman, D. and Buka, S. L. (2009) Prenatal risk factors for autism: comprehensive meta-analysis. *Br J Psychiatry,* **195,** 7-14.

Geschwind, D. H. (2009) Advances in autism. *Annu Rev Med,* **60,** 367-380.

Gogolla, N., Leblanc, J. J., Quast, K. B., Sudhof, T. C., Fagiolini, M. and Hensch, T. K. (2009) Common circuit defect of excitatory-inhibitory balance in mouse models of autism. *J Neurodev Disord,* **1,** 172-181.

Goldman, S., Wang, C., Salgado, M. W., Greene, P. E., Kim, M. and Rapin, I. (2009) Motor stereotypies in children with autism and other developmental disorders. *Dev Med Child Neurol,* **51,** 30-38.

Grandin, T. (2009) Visual abilities and sensory differences in a person with autism. *Biol Psychiatry,* **65,** 15-16.

Greenberg, D. A., Hodge, S. E., Sowinski, J. and Nicoll, D. (2001) Excess of twins among affected sibling pairs with autism: implications for the etiology of autism. *Am J Hum Genet,* **69,** 1062-1067.

Groen, W., Teluij, M., Buitelaar, J. and Tendolkar, I. (2010) Amygdala and hippocampus enlargement during adolescence in autism. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry,* **49,** 552-560.

Harada, T., Harada, C., Kohsaka, S. et al. (2002) Microglia-Muller glia cell interactions control neurotrophic factor production during light-induced retinal degeneration. *J Neurosci,* **22,** 9228-9236.

Hof, P. R. and Sherwood, C. C. (2005) Morphomolecular neuronal phenotypes in the neocortex reflect phylogenetic relationships among certain mammalian orders. *Anat Rec A Discov Mol Cell Evol Biol,* **287,** 1153-1163.

Hong, S. E., Shugart, Y. Y., Huang, D. T., Shahwan, S. A., Grant, P. E., Hourihane, J. O., Martin, N. D. and Walsh, C. A. (2000) Autosomal recessive lissencephaly with cerebellar hypoplasia is associated with human RELN mutations. *Nat Genet,* **26,** 93-96.

Huerta, M. and Lord, C. (2012) Diagnostic evaluation of autism spectrum disorders. *Pediatr Clin North Am,* **59,** 103-111, xi.

Hughes, J. R. (2009) Update on autism: a review of 1300 reports published in 2008. *Epilepsy Behav,* **16,** 569-589.

Hussman, J. P. (2001) Suppressed GABAergic inhibition as a common factor in suspected etiologies of autism. *J Autism Dev Disord,* **31,** 247-248.

Ingram, J. L., Peckham, S. M., Tisdale, B. and Rodier, P. M. (2000) Prenatal exposure of rats to valproic acid reproduces the cerebellar anomalies associated with autism. *Neurotoxicol Teratol,* **22,** 319-324.

Just, M. A., Cherkassky, V. L., Keller, T. A. and Minshew, N. J. (2004) Cortical activation and synchronization during sentence comprehension in high-functioning autism: evidence of underconnectivity. *Brain,* **127,** 1811-1821.

Kanner, L. (1968) Autistic disturbances of affective contact. *Acta Paedopsychiatr,* **35,** 100-136.

Kaplan, G. and McCracken, J. T. (2012) Psychopharmacology of autism spectrum disorders. *Pediatr Clin North Am,* **59,** 175-187, xii.

Kern, J. K., Trivedi, M. H., Grannemann, B. D., Garver, C. R., Johnson, D. G., Andrews, A. A., Savla, J. S., Mehta, J. A. and Schroeder, J. L. (2007) Sensory correlations in autism. *Autism,* **11,** 123-134.

Khazipov, R., Tyzio, R. and Ben-Ari, Y. (2008) Effects of oxytocin on GABA signalling in the foetal brain during delivery. *Prog Brain Res,* **170,** 243-257.

Klausberger, T., Roberts, J. D. and Somogyi, P. (2002) Cell type- and input-specific differences in the number and subtypes of synaptic GABA(A) receptors in the hippocampus. *J Neurosci,* **22,** 2513-2521.

Klintwall, L., Holm, A., Eriksson, M., Carlsson, L. H., Olsson, M. B., Hedvall, A., Gillberg, C. and Fernell, E. Sensory abnormalities in autism. A brief report. *Res Dev Disabil,* **32,** 795-800.

Kogan, M. D., Blumberg, S. J., Schieve, L. A. et al. (2009) Prevalence of parent-reported diagnosis of autism spectrum disorder among children in the US, 2007. *Pediatrics,* **124,** 1395-1403.

Kohman, R. A. and Rhodes, J. S. (2012) Neurogenesis, inflammation and behavior. *Brain Behav Immun,* **27,** 22-32.

Koshino, H., Carpenter, P. A., Minshew, N. J., Cherkassky, V. L., Keller, T. A. and Just, M. A. (2005) Functional connectivity in an fMRI working memory task in high-functioning autism. *Neuroimage,* **24,** 810-821.

Langen, M., Durston, S., Staal, W. G., Palmen, S. J. and van Engeland, H. (2007) Caudate nucleus is enlarged in high-functioning medication-naive subjects with autism. *Biol Psychiatry,* **62,** 262-266.

Laurence, J. A. and Fatemi, S. H. (2005) Glial fibrillary acidic protein is elevated in superior frontal, parietal and cerebellar cortices of autistic subjects. *Cerebellum,* **4,** 206-210.

Levy, D., Ronemus, M., Yamrom, B. et al. (2011) Rare de novo and transmitted copy-number variation in autistic spectrum disorders. *Neuron,* **70,** 886-897.

Li, C. X., Callaway, J. C. and Waters, R. S. (2002) Removal of GABAergic inhibition alters subthreshold input in neurons in forepaw barrel subfield (FBS) in rat first somatosensory cortex (SI) after digit stimulation. *Exp Brain Res,* **145,** 411-428.

Li, X., Chauhan, A., Sheikh, A. M., Patil, S., Chauhan, V., Li, X. M., Ji, L., Brown, T. and Malik, M. (2009) Elevated immune response in the brain of autistic patients. *J Neuroimmunol,* **207,** 111-116.

Manning-Courtney, P., Murray, D., Currans, K. et al. (2013) Autism spectrum disorders. *Curr Probl Pediatr Adolesc Health Care,* **43,** 2-11.

Marin, O. Interneuron dysfunction in psychiatric disorders. *Nat Rev Neurosci,* **13,** 107-120.

Merzenich, M. M. (2001) Cortical plasticity contributing to child development. In: *McClelland, J. & Siegler, R, Mechanisms in Cognitive Development,* pp. 67-96. L. Ehrlbaum Assoc., Mahwah, NJ.

Merzenich, M. M., Miller, S. Jenkins, W. Saunders, G. (1998a) Amelioration of the acoustic reception and speech reception deficits underlying language-based learning impairments. In: *Euler, C.V. (ed), Basic Neural Mechanisms in Cognition and Language.,* pp. 143-172. Elsevier, Amsterdam.

Merzenich, M. M., Saunders, G & Tallal, P. (1999) Origins of language impairments for – and impacts of training on – pervasively evelopmentally disabled children. In: *In Broman, S. & Fletcher, J. Role of Neuroplasticity in Rare Developmental Disorders.,* pp. 365-385. MIT Press, Cambridge, MA.

Merzenich, M. M., Tallal, P., Peterson, B., Miller, S.L. & Jenkins, W.M. (1998b) Some neurological principles relevant to the origins of – and the cortical plasticity based remediation of – language learning impairments. In: *Grafman, J., Cristen, Y. Neuroplasticity: Building a Bridge from the Laboratory to the Clinic.,* pp. 169-187. Springer-Verlag, New York.

Meyer-Lindenberg, A., Domes, G., Kirsch, P. and Heinrichs, M. Oxytocin and vasopressin in the human brain: social neuropeptides for translational medicine. *Nat Rev Neurosci,* **12,** 524-538.

Miller, M. T. and Stromland, K. (1999) Teratogen update: thalidomide: a review, with a focus on ocular findings and new potential uses. *Teratology,* **60,** 306-321.

Mountcastle, V. B. (1997) The columnar organization of the neocortex. *Brain,* **120 (Pt 4),** 701-722.

Muhle, R., Trentacoste, S. V. and Rapin, I. (2004) The genetics of autism. *Pediatrics,* **113,** e472-486.

Muller, J. F., Mascagni, F. and McDonald, A. J. (2006) Pyramidal cells of the rat basolateral amygdala: synaptology and innervation by parvalbumin-immunoreactive interneurons. *J Comp Neurol,* **494,** 635-650.

Muller, J. F., Mascagni, F. and McDonald, A. J. (2007) Postsynaptic targets of somatostatin-containing interneurons in the rat basolateral amygdala. *J Comp Neurol,* **500,** 513-529.

Murphy, E. R., Foss-Feig, J., Kenworthy, L., Gaillard, W. D. and Vaidya, C. J. (2013) Atypical Functional Connectivity of the Amygdala in Childhood Autism Spectrum

Disorders during Spontaneous Attention to Eye-Gaze. *Autism Res Treat,* **2012,** 652408.
Nazeer, A. and Ghaziuddin, M. (2012) Autism spectrum disorders: clinical features and diagnosis. *Pediatr Clin North Am,* **59,** 19-25, ix.
Nordahl, C. W., Scholz, R., Yang, X., Buonocore, M. H., Simon, T., Rogers, S. and Amaral, D. G. (2012) Increased rate of amygdala growth in children aged 2 to 4 years with autism spectrum disorders: a longitudinal study. *Arch Gen Psychiatry,* **69,** 53-61.
Owens, D. F. and Kriegstein, A. R. (2002) Is there more to GABA than synaptic inhibition? *Nat Rev Neurosci,* **3,** 715-727.
Pacey, L. K., Xuan, I. C., Guan, S., Sussman, D., Henkelman, R. M., Chen, Y., Thomsen, C. and Hampson, D. R. Delayed myelination in a mouse model of fragile X syndrome. *Hum Mol Genet*.
Padgett, C. L. and Slesinger, P. A. (2010) GABAB receptor coupling to G-proteins and ion channels. *Adv Pharmacol,* **58,** 123-147.
Perry, V. H., Nicoll, J. A. and Holmes, C. (2010) Microglia in neurodegenerative disease. *Nat Rev Neurol,* **6,** 193-201.
Petanjek, Z., Kostovic, I. and Esclapez, M. (2009) Primate-specific origins and migration of cortical GABAergic neurons. *Front Neuroanat,* **3,** 26.
Pierce, K., Muller, R. A., Ambrose, J., Allen, G. and Courchesne, E. (2001) Face processing occurs outside the fusiform 'face area' in autism: evidence from functional MRI. *Brain,* **124,** 2059-2073.
Pizzarelli, R. and Cherubini, E. Alterations of GABAergic signaling in autism spectrum disorders. *Neural Plast,* **2011,** 297153.
Raghanti, M. A., Spocter, M. A., Butti, C., Hof, P. R. and Sherwood, C. C. A comparative perspective on minicolumns and inhibitory GABAergic interneurons in the neocortex. *Front Neuroanat,* **4,** 3.
Ransohoff, R. M. and Cardona, A. E. (2010) The myeloid cells of the central nervous system parenchyma. *Nature,* **468,** 253-262.
Rapin, I. and Tuchman, R. F. (2008) Autism: definition, neurobiology, screening, diagnosis. *Pediatr Clin North Am,* **55,** 1129-1146, viii.
Rojas, D. C., Smith, J. A., Benkers, T. L., Camou, S. L., Reite, M. L. and Rogers, S. J. (2004) Hippocampus and amygdala volumes in parents of children with autistic disorder. *Am J Psychiatry,* **161,** 2038-2044.
Rubenstein, J. L. and Merzenich, M. M. (2003) Model of autism: increased ratio of excitation/inhibition in key neural systems. *Genes Brain Behav,* **2,** 255-267.
Sakai, T., Oshima, A., Nozaki, Y., Ida, I., Haga, C., Akiyama, H., Nakazato, Y. and Mikuni, M. (2008) Changes in density of calcium-binding-protein-immunoreactive GABAergic neurons in prefrontal cortex in schizophrenia and bipolar disorder. *Neuropathology,* **28,** 143-150.
Schneider, T. and Przewlocki, R. (2005) Behavioral alterations in rats prenatally exposed to valproic acid: animal model of autism. *Neuropsychopharmacology,* **30,** 80-89.
Selby, L., Zhang, C. and Sun, Q. Q. (2007) Major defects in neocortical GABAergic inhibitory circuits in mice lacking the fragile X mental retardation protein. *Neurosci Lett,* **412,** 227-232.
Sgado, P., Genovesi, S., Kalinovsky, A. et al. (2013) Loss of GABAergic neurons in the hippocampus and cerebral cortex of Engrailed-2 null mutant mice: Implications for autism spectrum disorders. *Exp Neurol*.
Shafritz, K. M., Dichter, G. S., Baranek, G. T. and Belger, A. (2008) The neural circuitry mediating shifts in behavioral response and cognitive set in autism. *Biol Psychiatry,* **63,** 974-980.
Sherwood, C. C., Raghanti, M. A., Stimpson, C. D., Bonar, C. J., de Sousa, A. A., Preuss, T. M. and Hof, P. R. (2007) Scaling of inhibitory interneurons in areas

v1 and v2 of anthropoid primates as revealed by calcium-binding protein immunohistochemistry. *Brain Behav Evol,* **69,** 176-195.
Sherwood, C. C., Raghanti, M. A., Stimpson, C. D. et al. (2009) Inhibitory interneurons of the human prefrontal cortex display conserved evolution of the phenotype and related genes. *Proc Biol Sci,* **277,** 1011-1020.
Silver, W. G. and Rapin, I. (2012) Neurobiological basis of autism. *Pediatr Clin North Am,* **59,** 45-61, x.
Skoyles, J. R. (2008) No new neurobiology yet for autism. *Arch Neurol,* **65,** 155; author reply 155-156.
Sohal, V. S., Zhang, F., Yizhar, O. and Deisseroth, K. (2009) Parvalbumin neurons and gamma rhythms enhance cortical circuit performance. *Nature,* **459,** 698-702.
Somogyi, P. and Klausberger, T. (2005) Defined types of cortical interneurone structure space and spike timing in the hippocampus. *J Physiol,* **562,** 9-26.
Somogyi, P., Tamas, G., Lujan, R. and Buhl, E. H. (1998) Salient features of synaptic organisation in the cerebral cortex. *Brain Res Brain Res Rev,* **26,** 113-135.
Stanfield, A. C., McIntosh, A. M., Spencer, M. D., Philip, R., Gaur, S. and Lawrie, S. M. (2008) Towards a neuroanatomy of autism: a systematic review and meta-analysis of structural magnetic resonance imaging studies. *Eur Psychiatry,* **23,** 289-299.
Streit, W. J. (2001) Microglia and macrophages in the developing CNS. *Neurotoxicology,* **22,** 619-624.
Swartz, J. R., Wiggins, J. L., Carrasco, M., Lord, C. and Monk, C. S. (2012) Amygdala habituation and prefrontal functional connectivity in youth with autism spectrum disorders. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry,* **52,** 84-93.
Takarae, Y., Minshew, N. J., Luna, B. and Sweeney, J. A. (2007) Atypical involvement of frontostriatal systems during sensorimotor control in autism. *Psychiatry Res,* **156,** 117-127.
Tan, G. C., Doke, T. F., Ashburner, J., Wood, N. W. and Frackowiak, R. S. (2010) Normal variation in fronto-occipital circuitry and cerebellar structure with an autism-associated polymorphism of CNTNAP2. *Neuroimage,* **53,** 1030-1042.
Tchaconas, A. and Adesman, A. (2013) Autism spectrum disorders: a pediatric overview and update. *Curr Opin Pediatr,* **25,** 130-144.
van Kooten, I. A., Palmen, S. J., von Cappeln, P., Steinbusch, H. W., Korr, H., Heinsen, H., Hof, P. R., van Engeland, H. and Schmitz, C. (2008) Neurons in the fusiform gyrus are fewer and smaller in autism. *Brain,* **131,** 987-999.
Vargas, D. L., Nascimbene, C., Krishnan, C., Zimmerman, A. W. and Pardo, C. A. (2005) Neuroglial activation and neuroinflammation in the brain of patients with autism. *Ann Neurol,* **57,** 67-81.
Verhoeven, J. S., De Cock, P., Lagae, L. and Sunaert, S. (2009) Neuroimaging of autism. *Neuroradiology,* **52,** 3-14.
Villalobos, M. E., Mizuno, A., Dahl, B. C., Kemmotsu, N. and Muller, R. A. (2005) Reduced functional connectivity between V1 and inferior frontal cortex associated with visuomotor performance in autism. *Neuroimage,* **25,** 916-925.
Volkmar, F. R., Reichow, B. and McPartland, J. (2012) Classification of autism and related conditions: progress, challenges, and opportunities. *Dialogues Clin Neurosci,* **14,** 229-237.
Wang, K., Zhang, H., Ma, D. et al. (2009) Common genetic variants on 5p14.1 associate with autism spectrum disorders. *Nature,* **459,** 528-533.
Wing, L. and Potter, D. (2002) The epidemiology of autistic spectrum disorders: is the prevalence rising? *Ment Retard Dev Disabil Res Rev,* **8,** 151-161.
Zaitsev, A. V., Gonzalez-Burgos, G., Povysheva, N. V., Kroner, S., Lewis, D. A. and Krimer, L. S. (2005) Localization of calcium-binding proteins in physiologically and morphologically characterized interneurons of monkey dorsolateral prefrontal cortex. *Cereb Cortex,* **15,** 1178-1186.

Zamecnik, J., Krsek, P., Druga, R., Marusic, P., Benes, V., Tichy, M. and Komarek, V. (2006) Densities of parvalbumin-immunoreactive neurons in non-malformed hippocampal sclerosis-temporal neocortex and in cortical dysplasias. *Brain Res Bull,* **68,** 474-481.

ANEXOS DO TRABALHO:

Normas de Avaliação do Periódio Brain Research

ELSEVIER Type here to search on Elsevier.con Advanced search Follow us Help & Contact

Journals & books Online tools Authors, editors & reviewers About Elsevier Store

Guide for authors

Submit your paper

Track your paper

Order journal

View articles

Abstracting and indexing

Editorial board

Guide for Authors

Author information pack

INTRODUCTION

Brain Research publishes papers reporting interdisciplinary investigations of nervous system structure and function that are of general interest to the international community of neuroscientists. As is evident from the journals name, its scope is broad, ranging from cellular and molecular studies through systems neuroscience, cognition and disease. Invited reviews are also published; suggestions for and inquiries about potential reviews are welcomed.

Note: With the appearance of the final issue of the 2011 subscription, Vol. 67/1-2 (24 June 2011), *Brain Research Reviews* has ceased publication as a distinct journal separate from *Brain Research*. Review articles accepted for*Brain Research* are now published in that journal.

In the journals Table of Contents, published papers will be shown under one of the Section titles listed (in bold type) below. Authors will be given the opportunity to choose the most appropriate section upon manuscript submission.

SECTIONS

Cell Biology, Signaling and Synaptic Transmission
Senior Editors: Leonard K. Kaczmarek (New Haven, CT, USA), Diane Lipscombe (Providence, RI, USA)
Studies investigating the cellular, molecular and genetic bases of structure, function and signaling (both intracellular and intercellular) in nervous systems.

Cognition and Computation
Senior Editors: Francesco P. Battaglia (Amsterdam, Netherlands), Erich Schröger (Leipzig, Germany), Christina L. Williams (Durham, NC, USA)
Studies of the neural mechanisms of cognition and behavior in humans and animal models including basic behaviors and higher mental functions; as well as studies dealing with realistic simulation, analysis and prediction of the structure and functions of nervous systems and individual neuronal and glial elements within nervous systems.

Development, Degeneration and Regeneration, and Aging
Senior Editors: Fen-Biao Gao (Worcester, MA, USA), Michael E. Selzer (Philadelphia, PA, USA), Flora M. Vaccarino (New Haven, CT, USA)
Studies concerning neuronal and glial development and the formation of the nervous system, molecular and cellular aspects of degeneration and regeneration, and changes associated with the aging brain.

Neurobiology of Disease
Senior Editors: Lorraine Iacovitti (Philadelphia, PA, USA), Jae-Young Koh (Seoul, Korea), Brian A. MacVicar (Vancouver, Canada), Peter H. Reinhart (Boston, MA, USA), J. Paul Taylor (Memphis, TN, USA)
Studies whose primary focus is on clinically diseased nervous systems or disease models, including molecular, cellular, systems and behavioral approaches and analysis of therapeutic interventions.

Reviews
Senior Editor: Irwin B. Levitan (Philadelphia, PA, USA)
Invited reviews on all aspects of nervous system structure and function. The editors welcome suggestions for specific review topics. .

Systems Neuroscience and Behavior
Senior Editors: Gary Aston-Jones (Charleston, SC, USA), Leslie C. Griffith (Waltham, MA, USA), David J. Perkel (Seattle, WA, USA)
Studies concerning structure and organization of neural circuits, sensory and motor systems, internal regulatory systems and the control of behaviors.

TYPES OF PAPERS

1.**Research Reports** reporting results of original fundamental research in any branch of the brain sciences. Papers describing new methods or significant developments of recognised methods which provide significant insight into the structure or function of the nervous system, the pathophysiology of a disease, or its treatment may also be submitted. Articles should be written in sufficient detail to allow others to verify/replicate the described methods.

2. **Reviews:** Reviews are by invitation only. Inquiries and suggestions for reviews should be directed to the *Brain Research* Editorial Office (bres@elsevier.com).

Brain Research will also regularly publish **thematic special issues** highlighting important new developments in neuroscience research.

The Neuroscience Peer Review Consortium

Brain Research is a member of the Neuroscience Peer Review Consortium (NPRC). The NPRC has been formed to reduce the time expended and, in particular, the duplication of effort by, and associated burden on reviewers involved in the peer review of original neuroscience research papers. It is an alliance of neuroscience journals that have agreed to accept manuscript reviews from other Consortium journals. By reducing the number of times that a manuscript is reviewed, the Consortium will reduce the load on reviewers and Editors, and speed the publication of research results.

If a manuscript has been rejected by another journal in the Consortium, authors can submit the manuscript to*Brain Research* and indicate that the referees' reports from the first journal be made available to the Editors of Brain Research. (N.B. Only manuscripts which were first submitted to another journal after 1st January 2008 are eligible for the NPRC scheme.)

It is the authors' decision as to whether or not to indicate that a set of referee's reports should be forwarded from the first journal to *Brain Research*. If an author does not wish for this to happen, the manuscript can be submitted to *Brain Research* without reference to the previous submission. No information will be exchanged between journals except at the request of authors. However, if the original referees' reports suggested that the paper is of high quality, but not suitable for the first journal, then it will often be to an author's advantage to indicate that referees' reports should be made available.

Authors should revise the original submission in accordance with the first journal's set of referee reports, reformat the paper to *Brain Research* specification and submit the paper to *Brain Research* with a covering letter describing the changes that have been made, and informing the Editors that they are happy for referees' reports to be forwarded from the first Consortium journal. Authors will be asked upon submission to *Brain Research* the title of the first journal submitted to and the manuscript ID that was given by that journal. The editorial office of *Brain Research* will request the referees' reports from the first journal.

The Editors of *Brain Research* will use forwarded referees' reports at their discretion. The Editors may use the reports directly to make a decision, or they may request further reviews if they feel such are necessary.

Visit http://nprc.incf.org for a list of Consortium journals, as well as further information on the scheme.

Contact Details for submission
Submission of manuscripts to *Brain Research* is entirely online at http://ees.elsevier.com/bres. Queries about the submission or editorial processes may be directed to the Brain Research Editorial Office, Elsevier, 525 B Street, Suite 1800, San Diego, CA 92101-4495, USA; Fax: (1)-619-699.6850, Email: bres@elsevier.com

Before You Begin

Ethics in publishing

For information on Ethics in publishing and Ethical guidelines for journal publication seehttp://www.elsevier.com/publishingethics and http://www.elsevier.com/ethicalguidelines.

Policy and ethics
The work described in your article must have been carried out in accordance with *The Code of Ethics of the World Medical Association (Declaration of Helsinki) for experiments involving humans*http://www.wma.net/en/30publications/10policies/b3/index.html; *EC Directive 86/609/EEC for animal experiments*http://ec.europa.eu/environment/chemicals/lab_animals/legislation_en.htm; *Uniform Requirements for manuscripts submitted to Biomedical journals* http://www.icmje.org. This must be stated at an appropriate point in the article.

For other policy issues, authors are referred to the policy guidelines of the Society for Neuroscience (see their website http://www.jneurosci.org/misc/itoa.shtml).

Conflict of interest

All authors are requested to disclose any actual or potential conflict of interest including any financial, personal or other relationships with other people or organizations within three years of beginning the submitted work that could inappropriately influence, or be perceived to influence, their work. See alsohttp://www.elsevier.com/conflictsofinterest. Further information and an example of a Conflict of Interest form can be found at: http://elsevier6.custhelp.com/app/answers/detail/a_id/286/p/7923/.

Submission declaration

Submission of an article implies that the work described has not been published previously (except in the form of an abstract or as part of a published lecture or academic thesis or as an electronic preprint, seehttp://www.elsevier.com/postingpolicy), that it is not under consideration for publication elsewhere, that its publication is approved by all authors and tacitly or explicitly by the responsible authorities where the work was carried out, and that, if accepted, it will not be published elsewhere including electronically in the same form, in English or in any other language, without the written consent of the copyright-holder.

Contributors
Each author is required to declare his or her individual contribution to the article: all authors must have materially participated in the research and/or article preparation, so roles for all authors should be described. The statement that all authors have approved the final article should be true and included in the disclosure.

Addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts
Before the accepted manuscript is published in an online issue Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include:

- The reason the name should be added or removed or the author names rearranged.
- Written confirmation (email, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed.

Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that:

- Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests.
- Publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.

After the accepted manuscript is published in an online issue
Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Changes to authorship

This policy concerns the addition, deletion, or rearrangement of author names in the authorship of accepted manuscripts:
Before the accepted manuscript is published in an online issue: Requests to add or remove an author, or to rearrange the author names, must be sent to the Journal Manager from the corresponding author of the accepted manuscript and must include: (a) the reason the name should be added or removed, or the author names rearranged and (b) written confirmation (e-mail, fax, letter) from all authors that they agree with the addition, removal or rearrangement. In the case of addition or removal of authors, this includes confirmation from the author being added or removed. Requests that are not sent by the corresponding author will be forwarded by the Journal Manager to the corresponding author, who must follow the procedure as described above. Note that: (1) Journal Managers will inform the Journal Editors of any such requests and (2) publication of the accepted manuscript in an online issue is suspended until authorship has been agreed.
After the accepted manuscript is published in an online issue: Any requests to add, delete, or rearrange author names in an article published in an online issue will follow the same policies as noted above and result in a corrigendum.

Copyright

This journal offers authors a choice in publishing their research: Open Access and Subscription.

For Subscription articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete a 'Journal Publishing Agreement' (for more information on this and copyright, see http://www.elsevier.com/copyright). An e-mail will be sent to the corresponding author confirming receipt of the manuscript together with a 'Journal Publishing Agreement' form or a link to the online version of this agreement.
Subscribers may reproduce tables of contents or prepare lists of articles including abstracts for internal circulation within their institutions. Permission of the Publisher is required for resale or distribution outside the institution and for all other derivative works, including compilations and translations (please consulthttp://www.elsevier.com/permissions). If excerpts from other copyrighted works are included, the author(s) must obtain written permission from the copyright owners and credit the source(s) in the article. Elsevier has preprinted forms for use by authors in these cases: please consult http://www.elsevier.com/permissions.

For Open Access articles
Upon acceptance of an article, authors will be asked to complete an 'Exclusive License Agreement' (for more information see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement). Permitted reuse of open access articles is determined by the author's choice of user license (see http://www.elsevier.com/openaccesslicenses).

Retained author rights

As an author you (or your employer or institution) retain certain rights. For more information on author rights for:
Subscription articles please see http://www.elsevier.com/authorsrights.
Open access articles please see http://www.elsevier.com/OAauthoragreement.

Role of the funding source

You are requested to identify who provided financial support for the conduct of the research and/or preparation of the article and to briefly describe the role of the sponsor(s), if any, in study design; in the collection, analysis and interpretation of data; in the writing of the report; and in the decision to submit the article for publication. If the funding source(s) had no such involvement then this should be stated. Please seehttp://www.elsevier.com/funding.

Funding body agreements and policies

Elsevier has established agreements and developed policies to allow authors whose articles appear in journals published by Elsevier, to comply with potential manuscript archiving requirements as specified as conditions of their grant awards. To learn more about existing agreements and policies please visithttp://www.elsevier.com/fundingbodies.

Open access

This journal offers authors a choice in publishing their research:

Open Access
• Articles are freely available to both subscribers and the wider public with permitted reuse
• An Open Access publication fee is payable by authors or their research funder
Subscription
• Articles are made available to subscribers as well as developing countries and patient groups through our

access programs (http://www.elsevier.com/access)
• No Open Access publication fee

All articles published Open Access will be immediately and permanently free for everyone to read and download. Permitted reuse is defined by your choice of one of the following Creative Commons user licenses:
Creative Commons Attribution (CC BY): lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts, and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text or data mine the article, even for commercial purposes, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, and do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation.
Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike (CC BY-NC-SA): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, to create extracts, abstracts and other revised versions, adaptations or derivative works of or from an article (such as a translation), to include in a collective work (such as an anthology), to text and data mine the article, as long as they credit the author(s), do not represent the author as endorsing their adaptation of the article, do not modify the article in such a way as to damage the author's honor or reputation, and license their new adaptations or creations under identical terms (CC BY-NC-SA).
Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (CC BY-NC-ND): for non-commercial purposes, lets others distribute and copy the article, and to include in a collective work (such as an anthology), as long as they credit the author(s) and provided they do not alter or modify the article.

To provide Open Access, this journal has a publication fee which needs to be met by the authors or their research funders for each article published Open Access.
Your publication choice will have no effect on the peer review process or acceptance of submitted articles.

The publication fee for Open Access in this journal is **$1,800**, excluding taxes. Learn more about Elsevier's pricing policy: http://www.elsevier.com/openaccesspricing.

Language (usage and editing services)

Please write your text in good English (American or British usage is accepted, but not a mixture of these). Authors who feel their English language manuscript may require editing to eliminate possible grammatical or spelling errors and to conform to correct scientific English may wish to use the English Language Editing service available from Elsevier's WebShop http://webshop.elsevier.com/languageediting/ or visit our customer support sitehttp://support.elsevier.com for more information.

Submission

Submission to this journal proceeds totally online and you will be guided stepwise through the creation and uploading of your files. The system automatically converts source files to a single PDF file of the article, which is used in the peer-review process. Please note that even though manuscript source files are converted to PDF files at submission for the review process, these source files are needed for further processing after acceptance. All correspondence, including notification of the Editor's decision and requests for revision, takes place by e-mail removing the need for a paper trail.

Submit your article
Please submit your article via http://ees.elsevier.com/bres

Section, Senior Editor and Reviewers

Authors will be asked during manuscript submission to select a section of the journal, and a senior editor from that section whom they consider most appropriate to edit their manuscript. While every effort will be made to honor authors' selections, the assignment to a handling editor will be made by the Editor-in-Chief. Please submit, with the manuscript , the names, addresses and email addresses of 3 potential reviewers. Note that the handling editor retains the sole right to decide whether or not the suggested reviewers are used.

Referees

Please submit, with the manuscript, the names, addresses and e-mail addresses of three potential referees. Note that the editor retains the sole right to decide whether or not the suggested reviewers are used.

Additional information
Cover illustrations: Authors are encouraged to submit visually and scientifically interesting figure(s) representative of their data, though not necessarily as they appear in the manuscript, for potential cover illustrations (see specific instructions for submission of cover art under *PREPARATION / Color Artwork below*). The use of illustrations for journal covers is at the discretion of the Editors; only those related to articles accepted for publication will be considered. At the end of each year, all published covers will automatically be considered in a competition for the year's best cover illustration, and will be judged on their aesthetic value and scientific interest. The author(s) of the winning image will receive US$ 500 from Elsevier.

Preparation

Use of wordprocessing software

It is important that the file be saved in the native format of the wordprocessor used. The text should be in single-column format. Keep the layout of the text as simple as possible. Most formatting codes will be removed and replaced on processing the article. In particular, do not use the wordprocessor's options to justify text or to hyphenate words. However, do use bold face, italics, subscripts, superscripts etc. When preparing tables, if you are using a table grid, use only one grid for each individual table and not a grid for each row. If no grid is used, use tabs, not spaces, to align columns. The electronic text should be prepared in a way very similar to that of conventional manuscripts (see also the Guide to Publishing with Elsevier:http://www.elsevier.com/guidepublication). Note that source files of figures, tables and text graphics will be required whether or not you embed your figures in the text. See also the section on Electronic artwork.
To avoid unnecessary errors you are strongly advised to use the 'spell-check' and 'grammar-check' functions of your wordprocessor.

Article structure

Subdivision
Divide your article into clearly defined and numbered sections (e.g. Abstract, 1. Introduction, 2. Results, 3. Discussion, 4. Experimental Procedure, Acknowledgements, References). Subsections should be numbered 1.1 (then 1.1.1, 1.1.2, ...), 1.2, etc. (the abstract is not included in section numbering). Use this numbering also for

internal cross-referencing: do not just refer to " the text" . Any subsection may be given a brief heading. Each heading should appear on its own separate line.

Introduction
State the objectives of the work and provide relevant background information. Published studies should be described concisely, and be cited appropriately.

Results
The results should be described clearly and in logical order without extended discussion of their significance. Results should usually be presented descriptively and be supplemented by photographs or diagrams.

Discussion
The results of the research should be discussed in the context of other relevant published work; Extensive citations and discussion of published literature should be avoided. The main conclusions of the study may be presented in a short Conclusions section, which may stand alone or form a subsection of a Discussion section.

Experimental Procedure
This section should contain all the details necessary to reproduce the experiments. Avoid re-describing methods already published; only relevant modifications should be included in the text.

Essential title page information

• **Title.** Concise and informative. Titles are often used in information-retrieval systems. Avoid abbreviations and formulae where possible.
• **Author names and affiliations.** Where the family name may be ambiguous (e.g., a double name), please indicate this clearly. Present the authors' affiliation addresses (where the actual work was done) below the names. Indicate all affiliations with a lower-case superscript letter immediately after the author's name and in front of the appropriate address. Provide the full postal address of each affiliation, including the country name and, if available, the e-mail address of each author.
• **Corresponding author.** Clearly indicate who will handle correspondence at all stages of refereeing and publication, also post-publication. **Ensure that phone numbers (with country and area code) are provided in addition to the e-mail address and the complete postal address. Contact details must be kept up to date by the corresponding author.**
• **Present/permanent address.** If an author has moved since the work described in the article was done, or was visiting at the time, a 'Present address' (or 'Permanent address') may be indicated as a footnote to that author's name. The address at which the author actually did the work must be retained as the main, affiliation address. Superscript Arabic numerals are used for such footnotes.

Abstract
The abstract should state briefly (in no more than 250 words) the purpose of the research, the principal results and major conclusions. An abstract is often presented separately from the article, so it must be able to stand alone. For this reason, References should be avoided, but if essential, then cite the author(s) and year(s). Also, non-standard or uncommon abbreviations should be avoided, but if essential they must be defined at their first mention in the abstract itself.

Graphical abstract

A Graphical abstract is optional and should summarize the contents of the article in a concise, pictorial form designed to capture the attention of a wide readership online. Authors must provide images that clearly represent the work described in the article. Graphical abstracts should be submitted as a separate file in the online submission system. Image size: Please provide an image with a minimum of 531 × 1328 pixels (h × w) or proportionally more. The image should be readable at a size of 5 × 13 cm using a regular screen resolution of 96 dpi. Preferred file types: TIFF, EPS, PDF or MS Office files. See http://www.elsevier.com/graphicalabstracts for examples.
Authors can make use of Elsevier's Illustration and Enhancement service to ensure the best presentation of their images also in accordance with all technical requirements: Illustration Service.

Highlights

Highlights are mandatory for this journal. They consist of a short collection of bullet points that convey the core findings of the article and should be submitted in a separate file in the online submission system. Please use 'Highlights' in the file name and include 3 to 5 bullet points (maximum 85 characters, including spaces, per bullet point). See http://www.elsevier.com/highlights for examples.

Keywords
Immediately after the abstract, provide a maximum of 6 keywords, using American spelling and avoiding general and plural terms and multiple concepts (avoid, for example, "and", "of"). Be sparing with abbreviations: only abbreviations firmly established in the field may be eligible. These keywords will be used for indexing purposes.

Abbreviations

Define abbreviations that are not standard in this field in a footnote to be placed on the first page of the article. Such abbreviations that are unavoidable in the abstract must be defined at their first mention there, as well as in the footnote. Ensure consistency of abbreviations throughout the article.

Acknowledgements

Collate acknowledgements in a separate section at the end of the article before the references and do not, therefore, include them on the title page, as a footnote to the title or otherwise. List here those individuals who provided help during the research (e.g., providing language help, writing assistance or proof reading the article, etc.).

Units

Follow internationally accepted rules and conventions: use the international system of units (SI). If other units are mentioned, please give their equivalent in SI.

Database linking

Elsevier encourages authors to connect articles with external databases, giving their readers one-click access to relevant databases that help to build a better understanding of the described research. Please refer to relevant database identifiers using the following format in your article: Database: xxxx (e.g., TAIR: AT1G01020; CCDC: 734053; PDB: 1XFN). See http://www.elsevier.com/databaselinking for more information and a full list of supported

databases.

Artwork

Electronic artwork
General points
• Make sure you use uniform lettering and sizing of your original artwork.
• Embed the used fonts if the application provides that option.
• Aim to use the following fonts in your illustrations: Arial, Courier, Times New Roman, Symbol, or use fonts that look similar.
• Number the illustrations according to their sequence in the text.
• Use a logical naming convention for your artwork files.
• Provide captions to illustrations separately.
• Size the illustrations close to the desired dimensions of the printed version.
• Submit each illustration as a separate file.
A detailed guide on electronic artwork is available on our website:
http://www.elsevier.com/artworkinstructions
You are urged to visit this site; some excerpts from the detailed information are given here.
Formats
If your electronic artwork is created in a Microsoft Office application (Word, PowerPoint, Excel) then please supply 'as is' in the native document format.
Regardless of the application used other than Microsoft Office, when your electronic artwork is finalized, please 'Save as' or convert the images to one of the following formats (note the resolution requirements for line drawings, halftones, and line/halftone combinations given below):
EPS (or PDF): Vector drawings, embed all used fonts.
TIFF (or JPEG): Color or grayscale photographs (halftones), keep to a minimum of 300 dpi.
TIFF (or JPEG): Bitmapped (pure black & white pixels) line drawings, keep to a minimum of 1000 dpi.
TIFF (or JPEG): Combinations bitmapped line/half-tone (color or grayscale), keep to a minimum of 500 dpi.
Please do not:
• Supply files that are optimized for screen use (e.g., GIF, BMP, PICT, WPG); these typically have a low number of pixels and limited set of colors;
• Supply files that are too low in resolution;
• Submit graphics that are disproportionately large for the content.

Cover art: Illustrations to be considered for the cover should be related to the authors' submitted article and be representative of their data, but need not necessarily be as they appear in the manuscript. Cover art should be formatted to occupy an area of 18X21 cm and should be submitted in digital format (TIFF, Photoshop, JPEG or Powerpoint) with a resolution of at least 300 dpi. Please also include a descriptive text with your cover art submission. The files should be uploaded to a specified FTP site - please contact the Editorial Office at bres@elsevier.com for instructions. For authors who wish to postal mail a CD with the cover art, please send it to: Brain Research Editorial Office, Elsevier, 525 B Street, Suite 1800, San Diego, CA 92101-4495, USA. Please ensure that the manuscript reference number is included on all materials.

Color artwork
Please make sure that artwork files are in an acceptable format (TIFF (or JPEG), EPS (or PDF)or MS Office files) and with the correct resolution. If, together with your accepted article, you submit usable color figures then Elsevier will ensure, at no additional charge, that these figures will appear in color on the Web (e.g., ScienceDirect and other sites) in addition to color reproduction in print. For further information on the preparation of electronic artwork, please see http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

Figure captions
Ensure that each illustration has a caption. Supply captions separately, not attached to the figure. A caption should comprise a brief title (**not** on the figure itself) and a description of the illustration. Keep text in the illustrations themselves to a minimum but explain all symbols and abbreviations used.

Tables

Number tables consecutively in accordance with their appearance in the text. Place footnotes to tables below the table body and indicate them with superscript lowercase letters. Avoid vertical rules. Be sparing in the use of tables and ensure that the data presented in tables do not duplicate results described elsewhere in the article.

References

Citation in text
Please ensure that every reference cited in the text is also present in the reference list (and vice versa). Any references cited in the abstract must be given in full. Unpublished results and personal communications are not recommended in the reference list, but may be mentioned in the text. If these references are included in the reference list they should follow the standard reference style of the journal and should include a substitution of the publication date with either 'Unpublished results' or 'Personal communication'. Citation of a reference as 'in press' implies that the item has been accepted for publication.

Reference links
Increased discoverability of research and high quality peer review are ensured by online links to the sources cited. In order to allow us to create links to abstracting and indexing services, such as Scopus, CrossRef and PubMed, please ensure that data provided in the references are correct. Please note that incorrect surnames, journal/book titles, publication year and pagination may prevent link creation. When copying references, please be careful as they may already contain errors. Use of the DOI is encouraged.

Web references
As a minimum, the full URL should be given and the date when the reference was last accessed. Any further information, if known (DOI, author names, dates, reference to a source publication, etc.), should also be given. Web references can be listed separately (e.g., after the reference list) under a different heading if desired, or can be included in the reference list.

References in a special issue
Please ensure that the words 'this issue' are added to any references in the list (and any citations in the text) to other articles in the same Special Issue.

Reference formatting
There are no strict requirements on reference formatting at submission. References can be in any style or format as long as the style is consistent. Where applicable, author(s) name(s), journal title/book title, chapter title/article title, year of publication, volume and issue/book chapter and the pagination must be present. Use of DOI is highly

encouraged. The reference style used by the journal will be applied to the accepted article by Elsevier at the proof stage. Note that missing data will be highlighted at proof stage for the author to correct. If you do wish to format the references yourself they should be arranged according to the following examples:

Reference style
Text: All citations in the text should refer to:
1. *Single author:* the author's name (without initials, unless there is ambiguity) and the year of publication;
2. *Two authors:* both authors' names and the year of publication;
3. *Three or more authors:* first author's name followed by 'et al.' and the year of publication.
Citations may be made directly (or parenthetically). Groups of references should be listed first alphabetically, then chronologically.
Examples: 'as demonstrated (Allan, 2000a, 2000b, 1999; Allan and Jones, 1999). Kramer et al. (2010) have recently shown ....'
List: References should be arranged first alphabetically and then further sorted chronologically if necessary. More than one reference from the same author(s) in the same year must be identified by the letters 'a', 'b', 'c', etc., placed after the year of publication.
Examples:
Reference to a journal publication:
Van der Geer, J., Hanraads, J.A.J., Lupton, R.A., 2010. The art of writing a scientific article. J. Sci. Commun. 163, 51–59.
Reference to a book:
Strunk Jr., W., White, E.B., 2000. The Elements of Style, fourth ed. Longman, New York.
Reference to a chapter in an edited book:
Mettam, G.R., Adams, L.B., 2009. How to prepare an electronic version of your article, in: Jones, B.S., Smith , R.Z. (Eds.), Introduction to the Electronic Age. E-Publishing Inc., New York, pp. 281–304.

Journal abbreviations source
Journal names should be abbreviated according to:
List of title word abbreviations: http://www.issn.org/2-22661-LTWA-online.php; NLM Catalog (Journals referenced in the NCBI Databases): http://www.ncbi.nlm.nih.gov/nlmcatalog/journals;
CAS (Chemical Abstracts Service): via http://www.cas.org/content/references/corejournals.

Video data

Elsevier accepts video material and animation sequences to support and enhance your scientific research. Authors who have video or animation files that they wish to submit with their article are strongly encouraged to include links to these within the body of the article. This can be done in the same way as a figure or table by referring to the video or animation content and noting in the body text where it should be placed. All submitted files should be properly labeled so that they directly relate to the video file's content. In order to ensure that your video or animation material is directly usable, please provide the files in one of our recommended file formats with a preferred maximum size of 50 MB. Video and animation files supplied will be published online in the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect: http://www.sciencedirect.com. Please supply 'stills' with your files: you can choose any frame from the video or animation or make a separate image. These will be used instead of standard icons and will personalize the link to your video data. For more detailed instructions please visit our video instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions. Note: since video and animation cannot be embedded in the print version of the journal, please provide text for both the electronic and the print version for the portions of the article that refer to this content.

AudioSlides

The journal encourages authors to create an AudioSlides presentation with their published article. AudioSlides are brief, webinar-style presentations that are shown next to the online article on ScienceDirect. This gives authors the opportunity to summarize their research in their own words and to help readers understand what the paper is about. More information and examples are available at http://www.elsevier.com/audioslides. Authors of this journal will automatically receive an invitation e-mail to create an AudioSlides presentation after acceptance of their paper.

Supplementary data

Elsevier accepts electronic supplementary material to support and enhance your scientific research. Supplementary files offer the author additional possibilities to publish supporting applications, high-resolution images, background datasets, sound clips and more. Supplementary files supplied will be published online alongside the electronic version of your article in Elsevier Web products, including ScienceDirect:http://www.sciencedirect.com. In order to ensure that your submitted material is directly usable, please provide the data in one of our recommended file formats. Authors should submit the material in electronic format together with the article and supply a concise and descriptive caption for each file. For more detailed instructions please visit our artwork instruction pages at http://www.elsevier.com/artworkinstructions.

3D neuroimaging

You can enrich your online articles by providing 3D neuroimaging data in NIfTI format. This will be visualized for readers using the interactive viewer embedded within your article, and will enable them to: browse through available neuroimaging datasets; zoom, rotate and pan the 3D brain reconstruction; cut through the volume; change opacity and color mapping; switch between 3D and 2D projected views; and download the data. The viewer supports both single (.nii) and dual (.hdr and .img) NIfTI file formats. Recommended size of a single uncompressed dataset is 100 MB or less. Multiple datasets can be submitted. Each dataset will have to be zipped and uploaded to the online submission system via the '3D neuroimaging data' submission category. Please provide a short informative description for each dataset by filling in the 'Description' field when uploading a dataset. Note: all datasets will be available for downloading from the online article on ScienceDirect. If you have concerns about your data being downloadable, please provide a video instead. For more information see:http://www.elsevier.com/3DNeuroimaging.

Submission checklist

The following list will be useful during the final checking of an article prior to sending it to the journal for review. Please consult this Guide for Authors for further details of any item.
Ensure that the following items are present:
One author has been designated as the corresponding author with contact details:
• E-mail address
• Full postal address
• Phone numbers

All necessary files have been uploaded, and contain:
• Keywords
• All figure captions
• All tables (including title, description, footnotes)
Further considerations
• Manuscript has been 'spell-checked' and 'grammar-checked'
• References are in the correct format for this journal
• All references mentioned in the Reference list are cited in the text, and vice versa
• Permission has been obtained for use of copyrighted material from other sources (including the Web)
• Color figures are clearly marked as being intended for color reproduction on the Web (free of charge) and in print, or to be reproduced in color on the Web (free of charge) and in black-and-white in print
• If only color on the Web is required, black-and-white versions of the figures are also supplied for printing purposes
For any further information please visit our customer support site at http://support.elsevier.com.

After Acceptance

Use of the Digital Object Identifier

The Digital Object Identifier (DOI) may be used to cite and link to electronic documents. The DOI consists of a unique alpha-numeric character string which is assigned to a document by the publisher upon the initial electronic publication. The assigned DOI never changes. Therefore, it is an ideal medium for citing a document, particularly 'Articles in press' because they have not yet received their full bibliographic information. Example of a correctly given DOI (in URL format; here an article in the journal *Physics Letters B*):
http://dx.doi.org/10.1016/j.physletb.2010.09.059
When you use a DOI to create links to documents on the web, the DOIs are guaranteed never to change.

Proofs

One set of page proofs (as PDF files) will be sent by e-mail to the corresponding author (if we do not have an e-mail address then paper proofs will be sent by post) or, a link will be provided in the e-mail so that authors can download the files themselves. Elsevier now provides authors with PDF proofs which can be annotated; for this you will need to download Adobe Reader version 7 (or higher) available free from http://get.adobe.com/reader. Instructions on how to annotate PDF files will accompany the proofs (also given online). The exact system requirements are given at the Adobe site: http://www.adobe.com/products/reader/tech-specs.html.
If you do not wish to use the PDF annotations function, you may list the corrections (including replies to the Query Form) and return them to Elsevier in an e-mail. Please list your corrections quoting line number. If, for any reason, this is not possible, then mark the corrections and any other comments (including replies to the Query Form) on a printout of your proof and return by fax, or scan the pages and e-mail, or by post. Please use this proof only for checking the typesetting, editing, completeness and correctness of the text, tables and figures. Significant changes to the article as accepted for publication will only be considered at this stage with permission from the Editor. We will do everything possible to get your article published quickly and accurately – please let us have all your corrections within 48 hours. It is important to ensure that all corrections are sent back to us in one communication: please check carefully before replying, as inclusion of any subsequent corrections cannot be guaranteed. Proofreading is solely your responsibility. Note that Elsevier may proceed with the publication of your article if no response is received.

Offprints

The corresponding author, at no cost, will be provided with a PDF file of the article via e-mail (the PDF file is a watermarked version of the published article and includes a cover sheet with the journal cover image and a disclaimer outlining the terms and conditions of use). For an extra charge, paper offprints can be ordered via the offprint order form which is sent once the article is accepted for publication. Both corresponding and co-authors may order offprints at any time via Elsevier's WebShop (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints). Authors requiring printed copies of multiple articles may use Elsevier WebShop's 'Create Your Own Book' service to collate multiple articles within a single cover (http://webshop.elsevier.com/myarticleservices/offprints/myarticlesservices/booklets).

Author Inquiries

For inquiries relating to the submission of articles (including electronic submission) please visit this journal's homepage. For detailed instructions on the preparation of electronic artwork, please visithttp://www.elsevier.com/artworkinstructions. Contact details for questions arising after acceptance of an article, especially those relating to proofs, will be provided by the publisher. You can track accepted articles athttp://www.elsevier.com/trackarticle. You can also check our Author FAQs at http://www.elsevier.com/authorFAQand/or contact Customer Support via http://support.elsevier.com.

Industries Advertising Careers Feedback Site Map Elsevier Websites A Reed Elsevier Company

Copyright © 2013 Elsevier B.V. All rights reserved. Privacy Policy Terms & Conditions

Cookies are set by this site. To decline them or learn more, visit our Cookies page.